



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Geografia

Rafael Pereira Nunes

A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval

Cordão do Boi Tolo

Rio de Janeiro

2022

Rafael Pereira Nunes

A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariana Araujo Lamego

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CTC/C

N972 Nunes, Rafael Pereira.
A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo./ Rafael Pereira Nunes. – 2022.
104 f. : il.

Orientador: Mariana Araujo Lamego.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Geografia.

1. Geografia Humana – Carnaval – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Blocos carnavalescos – História – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 3. Espaço urbano – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 4. Políticas públicas – Carnaval – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Lamego, Mariana Araujo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. III. Instituto de Geografia. IV. Título.

CDU 911.3(815.3)

Bibliotecária responsável: Fernanda Lobo - CRB7/5265

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rafael Pereira Nunes

A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Globalização, Políticas Públicas e Reestruturação Territorial.

Aprovada em 29 de setembro de 2022.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Mariana Araujo Lamego (Orientadora)

Instituto de Geografia - UERJ

Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues

Universidade Federal Fluminense

Prof.^a Dr.^a Denise Barata

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana
- UERJ

Prof.^a Júlia Cossermelli de Andrade

Instituto de Geografia - UERJ

Rio de Janeiro

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, que não se encontra mais em vida. Sem ela seria impossível ter feito toda essa trajetória. Uma pessoa que me ensinou importantes valores e com quem pude aprender muito e em todos os momentos, em especial nos mais difíceis.

À minha companheira, Natasha, que tem sido um apoio fundamental e carinhoso.

Ao meu filho agora, Gabriel, que traz imensas alegrias, desafios e aprendizados.

Às instituições públicas que transformam as pessoas em seres humanos, em especial a UFRJ, na qual iniciei meus estudos superiores e de onde tive grandiosas experiências de vida.

À querida UERJ, que resiste heroicamente graças ao seu corpo docente, de funcionários e alunos, por onde cursei uma maravilhosa graduação através do ensino a distância e onde cursei o mestrado em Geografia Urbana.

Ao meu orientador, que infelizmente não se encontra mais entre nós, o professor Gilmar Mascarenhas, por ter me adotado como orientando e por ter acreditado nesse trabalho que não se encerra.

À minha nova orientadora, professora Mariana Lamego, que batalhou por mim e por esse trabalho.

Ao conjunto da banca avaliadora, aos professores da pós-graduação do Instituto de Geografia, dos quais me proporcionaram excelentes aulas, assim como a todos os funcionários da casa, sempre tão solícitos e atenciosos, mesmo com todas as dificuldades impostas pela perversa precarização do ensino.

Por fim, agradeço ao Carnaval Carioca pela imensidão de conhecimento que me proporcionou, além de experiências mágicas infinitas. O Carnaval é o único período em que podemos nos encontrar plenamente, sem as fantasias que carregamos ao longo do ano e, assim, agradeço aos companheiros de folia, de inúmeros blocos e fanfarras, mas em especial aos do encantador e fabuloso Cordão do Boi Tolo, tema central desse trabalho.

Reservo um agradecimento especial, pela contribuição nesse trabalho, aos colegas de fanfarras Luís, Edu, Luisa, Jorge, Ana, Lurdinha, Igor, Giovanna, Marina, Caio, Aline, Danilo, Juliana.

Mesmo para os que não creem em hereditariedade, afirmemos: o carnaval está na massa do sangue do carioca. Por isso mesmo não morreu, não morrerá.

Eneida de Moraes

RESUMO

NUNES, Rafael Pereira. **A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo**. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O trabalho apresenta diversas características do carnaval de rua, com algumas referências do passado que se manifestam através dos blocos livres, com a centralidade no bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo, propondo debater essas demonstrações dialogando com conceitos e concepções geográficas urbanas. Os elementos apresentados vão se desenvolver numa luta permanente do Cordão do Boi Tolo pelo direito aos espaços públicos para a ocupação carnavalesca, seja através de cortejos, ou seja, através de outros eventos, levando em consideração as relações subjetivas; de identidades, representatividades e significações na construção dos lugares comuns. O trabalho também analisa as imposições do poder público, ao longo dos últimos anos, na tentativa de determinar um controle sobre os blocos de conjunto, oficiais ou não, e as respostas dadas pela Desliga dos Blocos, movimento que pensa a liberdade do carnaval de rua, à essas determinações. Histórias e registros de passagens do Cordão do Boi Tolo em parceria também com outros blocos, em diferentes localidades da cidade. As limitações e contradições inseridas nesses processos de disputas, de mediações e de rupturas. E por fim, as estratégias socioespaciais que o bloco construiu para sua própria sobrevivência e superação. O caminho a percorrer será através do levantamento de registros bibliográficos, análises de legislações que normatizaram o carnaval no passado e no presente. Esperamos com a obra aproximar as diferentes formas de ocupações urbanas através dos festejos carnavalescos ao longo da história recente, com diversas contradições, por entre algumas categorias e conceitos geográficos, apontando as diferentes normatizações que interferiram na liberdade, na espontaneidade e no lúdico dessa grandiosa festa.

Palavras-chave: Carnaval. Bloco. Boi Tolo. Desliga dos Blocos. Cidade. Práticas espaciais.

Estratégias socioespaciais.

ABSTRACT

NUNES, Rafael Pereira. **A disputa por uma cidade democrática através do bloco de carnaval Cordão do Boi Tolo**. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The work presents several characteristics of street carnival, with some references from the past that are manifested through the free Carnival groups, with the centrality in the carnival block Cordão do Boi Tolo, proposing to debate these demonstrations dialoguing with urban geographic concepts and conceptions. The elements presented will develop into a permanent struggle by Cordão do Boi Tolo for the right to public spaces for the carnival occupation, whether through street parades or through other events, taking into account subjective relationships; of identities, representations and meanings in the construction of the common places. The work also analyzes the impositions of the state, over the last few years, in an attempt to control the carnival blocks, official or not, and the response by the Desliga dos Blocos, a movement that support the freedom of street carnival. Stories and records of parades of Cordão do Boi Tolo in partnership with other blocks, in different locations in the city. The limitations and contradictions inserted in these processes of disputes, mediations and ruptures. And finally, the socio-spatial strategies that the block built for its own survival and overcoming. The research procedure through bibliographic survey, analysis of legislation that regulated the carnival in the past and in the present. We hope with the work to bring together the different forms of urban occupations through the carnival celebrations throughout recent history, with several contradictions, among some categories and geographical concepts, pointing out the different norms that interfered in the freedom, spontaneity and playfulness of this grandiose party.

Keywords: Carnaval. Bloco. Boi Tolo. Desliga dos Blocos. City. Space Practices. Socio-Spatial Strategies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Desfile do Cordão do Boi Tolo.....	16
Figura 2 -	A prática do Entrudo.....	22
Figura 3 -	Antigos cordões desfilando.....	34
Figura 4 -	Primeira notícia sobre o Boi Tolo.....	37
Figura 5 -	Localização do Largo do Boi Tolo no Google Maps.....	39
Figura 6 -	Estandarte fixo no bar Kamikaze.....	39
Figura 7 -	Instalação da placa.....	39
Figura 8 -	Abertura do Carnaval não oficial.....	42
Figura 9 -	Logo da Bloqueata da Desliga dos Blocos.....	42
Figura 10 -	Lema Liberdade, Folia e Luta.....	43
Figura 11 -	Homens da Guarda Municipal barram acesso de foliões às escadarias da Câmara dos Vereadores.....	49
Figura 12 -	Homens da Guarda Municipal barram acesso de foliões às escadarias da Câmara dos Vereadores.....	50
Figura 13 -	Protesto Contra a violência da Guarda Municipal.....	51
Figura 14 -	Luta contra a violência da Guarda Municipal do Rio de Janeiro.....	51
Figura 15 -	Bloco dos Machucados.....	52
Figura 16 -	Bloco dos Machucados.....	52
Figura 17 -	Confraternização no túnel.....	53
Figura 18 -	Cordão do Boi Tolo no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.....	53
Figura 19 -	Cordão do Boi Tolo no saguão do Aeroporto Santos Dumond.....	54
Figura 20 -	Comunicado do Boi Tolo.....	57
Figura 21 -	Comunicado da Desliga dos Blocos.....	58
Figura 22 -	Campanha do Boi Tolo.....	58
Figura 23 -	Foliões pulando no MAM durante a execução de marchinhas.....	60
Figura 24 -	A grande família.....	60
Figura 25 -	Convocatória para os Cortejos Prata-Boi e Boi-Prata.....	61
Figura 26 -	Convocatória para os Cortejos Prata-Boi e Boi-Prata.....	61
Figura 27 -	Desfile do Bloco Sincreto pelo Centro do Rio.....	62
Figura 28 -	Desfile do Boi – Prata.....	63
Figura 29 -	Desenho do Bezerro Tolinho.....	64
Figura 30 -	Cortejo do Bezerro Tolinho.....	64
Figura 31 -	Crianças com o estandarte do bezerro.....	64
Figura 32 -	Roda de Samba do Boi Tolo.....	66
Figura 33 -	Arraia do Boi Tolo.....	66
Figura 34 -	Os dois Bois Totós, como carinhosamente foram chamados.....	66
Figura 35 -	Arraiá do Boi Tolo.....	67
Figura 36 -	A diversidade presente no Arraiá do Boi Tolo.....	67
Figura 37 -	Mandamento 1.....	68
Figura 38 -	Mandamento 2.....	68
Figura 39 -	Mandamento 3.....	69
Figura 40 -	Mandamento 4.....	69
Figura 41 -	Mandamento 5.....	69
Figura 42 -	Mandamento 6.....	69
Figura 43 -	Mandamento 7.....	69

Figura 44 -	Mandamento 8.....	69
Figura 45 -	Mandamento 9.....	70
Figura 46 -	Mandamento 10.....	70
Figura 47 -	Mandamento 11.....	70
Figura 48 -	Mandamento 12.....	70
Figura 49 -	Mandamento 13.....	70
Figura 50 -	Mandamento 14.....	70
Figura 51 -	Mandamento 15.....	71
Figura 52 -	Mandamento 16.....	71
Figura 53 -	Aniversário de 10 anos do Cordão do Boi Tolo e cortejo de comemoração.....	72
Figura 54 -	Aniversário de 10 anos do Cordão do Boi Tolo e cortejo de comemoração.....	72
Figura 55 -	Comemoração e cortejo pelos 10 anos do Boi Tolo.....	72
Figura 56 -	Integrantes do bloco comemorando os 10 anos.....	73
Figura 57 -	Postagem brincando com o trajeto do bloco.....	74
Figura 58 -	Postagem brincando com a localização do bloco.....	74
Figura 59 -	Localizador e histórico do Google Maps.....	74
Figura 60 -	Boiada do boi Tolo na Estação Duque de Caxias-RJ.....	76
Figura 61 -	Boiada dentro do trem rumo ao Rio.....	77
Figura 62 -	Corde humana durante o cortejo do Boi Tolo.....	81
Figura 63 -	Protesto contra a “bahianização” do carnaval do Rio.....	82
Figura 64 -	Baile do Boi Tolo nos pilotis do Gustavo Capanema.....	83
Figura 65 -	Baile do Boi Tolo no Pátio do MAM RJ.....	84
Figura 66 -	Boi Tolo sobe a Ladeira da Misericórdia.....	85
Figura 67 -	Foto tirada do alto da Ladeira da Misericórdia dos foliões abaixo.....	85
Figura 68 -	Foto tirada do alto da Ladeira da Misericórdia dos foliões abaixo.....	85
Figura 69 -	Desfile do Prata-Boi no Morro do Livramento.....	87
Figura 70 -	Estandartes do boi Tolo e Prata Preta levando os foliões por um beco.....	87
Figura 71 -	Desfile do Prata – Boi no Morro do Livramento.....	88
Figura 72 -	Boi Tolo ocupa o memorial aos heróis da II Guerra Mundial.....	89
Figura 73 -	Boi Tolo ocupa o memorial aos heróis da II Guerra Mundial.....	90
Figura 74 -	Encontro de todas as boiadas nos Arcos da Lapa.....	90
Figura 75 -	Encontro de todas as boiadas nos Arcos da Lapa.....	90
Figura 76 -	Bom humor durante a ocupação de avenida em Copacabana.....	92
Figura 77 -	Boi Tolo na saída do túnel alguns minutos antes de uma tempestade	92
Figura 78 -	Boi Tolo se preparando para entrar no Túnel Novo.....	93
Figura 79 -	Boi Tolo fazendo brincadeiras dentro do túnel.....	93
Figura 80 -	Confecção de novos estandartes.....	95
Figura 81 -	Foto para entrar para a história do desfile 2022.....	98
Figura 82 -	Foto oficial de um antigo desfile do Boi Tolo.....	98

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	O CARNAVAL DE RUA DO PASSADO QUE VIVE NO PRESENTE	17
1.1	As Referências de um Antigo Carnaval que nunca se perdem	17
1.2	O Antigo Entrudo	21
1.3	O Carnaval antigo do Rio a partir do Entrudo	24
2	O CORDÃO DO BOI TOLO E A DESLIGA DOS BLOCOS EM DEFESA DO CARNAVAL DE RUA	35
2.1	Abre Alas para o Cordão do Boi Tolo	35
2.2	O Cordão do Boi Tolo, a Desliga dos Blocos e o Direito à Cidade	40
3	UM CORDÃO INFINITO DE MUITAS DISPUTAS E HISTÓRIAS	55
3.1	Quando o Boi Tolo não saiu por Consequência da Covid19	55
3.2	Um Bloco de Muita Musicalidade	58
3.3	Os Filhos e Irmãos do Boi Tolo	60
3.4	O Nascimento do Bezerro Tolinho	63
3.5	Os diversos eventos do Boi Tolo	65
3.6	Os Mandamentos do Carnaval Livre	67
3.7	A Comemoração dos 10 anos do Boi Tolo	72
3.8	A Brincadeira do Bloco Infinito e Onde Está o Boi Tolo?	73
4	AS ESTRATÉGIAS SOCIOESPACIAIS DO CORDÃO DO BOI TOLO FORTALECENDO SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇO PÚBLICOS	78
4.1	As Principais Estratégias de Sobrevivência do Cordão do Boi Tolo	78
4.1.1	<u>O Cordão do Boi Tolo não ter um dono, sua marca não ser de domínio privado e não possuir hierarquias internas</u>	79
4.1.2	<u>O bloco não pagar nada para ninguém e nem receber nada de ninguém</u>	80
4.2	O Fortalecimento do Cordão do Boi Tolo com os espaços públicos	82
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
	REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre a criação do bloco de carnaval “Cordão do Boi Tolo”, que desde o seu nascimento incorpora, de forma lidadora, a liberdade de manifestação do carnaval de rua. Um trabalho formulado através de um olhar participante e atuante em diversos eventos que o bloco construiu em anos de existência. O Boi Tolo, como resposta de uma pesquisa recente no Google nos mostra, “é um dos blocos mais substanciais da história recente do Carnaval do Rio de Janeiro”. É um bloco que acontece todos os anos de forma coletiva, com uma concepção unitária de ideários sobre a existência do carnaval e de como os espaços públicos devem estar voltados para a própria garantia dessa festa. Consonante a essa construção coletiva, que pensa o direito à cidade a partir desses festejos, a luta contra uma concepção de cidade mercadoria, que visa ao lucro em todas as manifestações urbanas detentoras de relevância social, incluindo os blocos de rua. Nesse sentido, queremos apresentar também algumas práticas espaciais do bloco, na renitência de resistir e sobreviver ao cerceamento e até a violência imposta pelo poder público na tentativa de impedir recorrentemente essas apresentações.

Assim como o Boi Tolo, outros blocos de carnaval também manifestam as mesmas características de organização e desfiles, mas nenhum deles conseguiu ter um desempenho tão destacado como o Boi Tolo. Se observarmos a origem dos festejos de carnaval, que se manifestavam nas festas pagãs antigas ou, posteriormente, demarcando eventos religiosos, de algum modo se mantém elementos do passado nos atuais blocos de carnaval, principalmente os blocos livres, grupo no qual o Cordão do Boi Tolo se compreende. Não é objetivo dessa pesquisa buscar elementos das origens do Carnaval anteriores a sua incorporação no Brasil, já que pensaremos, prioritariamente, os elementos de disputas pelos espaços públicos a partir da localização da Cidade do Rio de Janeiro e a existência do Cordão do Boi Tolo. Mas é importante registrar que o cerne dessa festa traz células de licenciosidade, paganismo, subversão e disputas; princípios que não apenas sofreram muito preconceito, mas que foram combatidos em diversos momentos históricos, principalmente pela Igreja Católica, que se apoderou dos festejos pagãos adaptando-os aos seus preceitos (SILVA, 2012). Alguns estudiosos apontam que as origens do Carnaval datam de dez mil anos antes de Cristo (SANTIAGO, 2007). Outros declaram que ele nasceu na antiguidade (4000 a.C. a 3500 a.C.), através dos cultos agrários (SILVA, 2012). Outros autores apontam registros nas festas pagãs egípcias, enquanto outros ainda entre os hebreus e nas orgias romanas (SILVA, 2012). Apesar

da controvérsia, de certo modo o Carnaval sempre esteve presente na história da humanidade, num determinado momento, através de uma liberdade maior de riso, brincadeira, dança, alegria e canto. Eram comemorações esparsas em diferentes calendários.

Esses blocos livres na atualidade também chamados de “não oficiais”, “piratas”, “espontâneos”, “sujos”, “livres”, entre outras nomenclaturas, se fazem presente com características que carregam dos antigos folguedos, particularidades que marcam a espontaneidade, a liberdade e a ludicidade das festas da antiguidade, das comemorações das colheitas e da popularização dos eventos religiosos. É fundamental analisarmos o carnaval de rua atual buscando, minimamente, estabelecer sua relação com o passado, para compreendermos o caráter social dessa festa e todas as disputas ao seu redor.

O Carnaval foi sobrevivendo e sofrendo diversas modificações ao longo do tempo, mas nunca deixou de existir completamente. Atualmente, podemos dizer que é o evento de maior atrativo de público na cidade do Rio de Janeiro e os números aferidos por instituições governamentais, que pensam os impactos dessa festa, são importantes para esse trabalho, no sentido de observarmos como o poder público e empresarial faturam com os festejos.

Só em 2018, segundo a Riotur, Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro, o evento bateu o recorde de participação em 6 milhões de foliões, dos quais 1,5 milhão eram turistas, nacionais e internacionais. O recolhimento de R\$ 3,5 bilhões em recursos superou os R\$ 3 bilhões de 2017, demonstrando a centralidade do carnaval para o desenvolvimento econômico da cidade. Outro dado importante, divulgado também pela Riotur, é o financiamento privado, através de patrocínios, onde foi empregado, pela primeira vez, a receita recorde de R\$ 38,5 milhões para o custeio de 3.375 agentes para aumentar a segurança. O total de blocos autorizados foi de 464, sendo 101 desfilando pelo Centro, 99 pela Zona Norte, 38 na Barra da Tijuca e outros 45 ao longo da Zona Oeste. (MENDONÇA, FIGUEIREDO, NEVILLE, 2018).

O carnaval 2019 movimentou R\$ 3,78 bilhões na Cidade do Rio de Janeiro em receitas geradas pelos mais de 7 milhões de foliões. A receita gerada para os setores de comércio e serviços aumentou 26% em comparação com 2018. A cidade recebeu ainda cerca de 1,6 milhão de turistas, 100 mil a mais que o ano anterior. (DIÁRIO DO RIO, 2019).

No ano de 2020, mais um recorde é alcançado, com o aumento de 31% no número de turistas em relação a 2019, no total de 2,1 milhões, sendo 77% brasileiros de outras regiões e 23% vindos do exterior. A economia carioca movimentou cerca de R\$ 4 bilhões no período, 8% a mais que no ano anterior. Considerando ainda os blocos, megablocos, os desfiles oficiais na Marques da Sapucaí e em Intendente Magalhães, e ainda os 77 palcos espalhados

pela cidade, estima-se que 10.637.000 de pessoas participaram do carnaval, sendo 7.082.000 só nos blocos. (GRILLI, 2020)

Em 2021, no meio do auge de uma pandemia mundial de Covid, doença causada pelo coronavírus, o carnaval foi cancelado pelo poder público e essa decisão prontamente aceita por todos os organizadores de blocos oficiais e livres. Todas as atenções passaram a ser canalizadas para o Sistema Único de Saúde, para os protocolos sanitários e para a expectativa de criação de uma vacina e a luta por sua distribuição para a população. A campanha que pedia para o cidadão ficar em casa teve uma grandiosa adesão por parte das agremiações carnavalescas.

Esses dados apresentados corroboram nossas observações sobre a problemática da disputa de concepção de carnaval, principalmente o que se manifesta de forma livre nas ruas, como o Cordão do Boi Tolo. Queremos, nesse sentido, como objetivo central, debater elementos de contraposições entre as determinações do poder público e os interesses do bloco, ou da Desliga dos Blocos¹, frente de blocos criada em 2010, que promove anualmente a “Bloqueata² da Desliga”, que marca a abertura do carnaval não oficial. Através dessa disputa, pelos espaços e a vida urbana, pretendemos discorrer sobre as imposições do mercado no carnaval, que se apropria dos signos da cidade para a manutenção do “status quo” ou “o estado das coisas”, se utilizando das esferas públicas e das instituições normativas. Ao analisarmos com atenção os dados apresentados pela Riotur, observaremos elementos que aparentemente parecem positivos, mas que escondem a veracidade dos modos de produção capitalista, que alienam por inteiro as compreensões dos indivíduos e, inquirindo sobre o carnaval, a própria relação do folião com a criação, o lugar, o convívio e com ele próprio. Nessa lógica, é fundamental debatermos a própria submissão dos blocos oficiais aos interesses privados e a falta de resistência a propostas e decretos que em nada tem a ver com o que conhecemos como carnaval.

Escrever sobre o carnaval de forma mais genérica, passando pelas escolas de samba, o carnaval de rua ou até um pequeno bloco, é saber que toda a dimensão dos testemunhos ocorridos não caberá nos papéis. Qualquer esforço, por maior que seja, será apenas uma versão dos fatos, repertórios inacabados, o que também não diminui a importância de trazer

¹ Movimento carnavalesco que carrega algumas concepções coletivas, compartilhadas por diferentes blocos e foliões para as festividades do carnaval de rua. São parte dessas concepções não pagar e não receber e ocupar as ruas da cidade de forma democrática e livre.

² Evento impulsionado pela Desliga dos Blocos, que ocorre tradicionalmente no mês de janeiro, em conjunto com vários blocos de rua, em especial o Cordão do Boi Tolo, através da Abertura do Carnaval Não Oficial do Rio de Janeiro.

não apenas as lembranças, mas várias problemáticas envolvidas, pois o carnaval, assim como outras grandes manifestações culturais, como o futebol, reflete bastante a nossa construção e organização como sociedade. Nesse sentido, conceitos como identidade, lugar e espaço, entre outros, de caráter objetivo e subjetivo, pulsam descontroladamente em narrativas carnavalescas, em disputas permanentes de concepções de cidade envolvendo diversos atores, uns com comportamentos dominadores e outros, ao mesmo tempo, pensando de forma livre e democrática a festa. Comportamentos dominadores, conforme o funcionamento da cidade é pensado pelos agentes do capital, onde tudo que pode virar mercadoria, possui controle e valor de troca, a fim de que seja consumido, e tudo o que não pode ser fonte de lucro, passível de destruição. Como caracteriza Vainer (2011, p.3) “a atitude estratégica adotada pelos setores hoje dominantes supõe, sugere, depende, antes de mais nada, de uma estratégia de poder”. E, em oposição a esses, destacam-se os foliões, principalmente aqueles que fazem parte do que vulgarmente nos acostumamos chamar de blocos alternativos. Muitos dedicam a vida ao carnaval e outros que não tem nenhum compromisso além de festejar os dias de folia.

São os foliões a maior representação do carnaval, pois essa manifestação só existe e tem sentido através da intensa relação sociocultural que esses desempenham. Deste modo, carnaval é talvez o fenômeno mais democrático de expressão cultural, pois em uma apresentação artística, de um modo geral, os artistas são os protagonistas, enquanto o público está passivo, ouvinte e observador. Assim também é no futebol, onde o espetáculo vai se tornando cada vez mais fechado e elitizado, pois como aponta Mascarenhas (2013, p.145) “para garantir a plena realização da mercadoria, vem sendo imposto um crescente aparato normativo que visa eliminar ou subjugar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo”. Mas até mesmo nas melhores fases, quando as torcidas praticamente entravam em campo, com os estádios maiores e mais acessíveis, já existiam mecanismos antidemocráticos e de controle dos “excessos” das torcidas, pois essas acabavam levando elementos do próprio carnaval para dentro dos estádios, com grupos de torcedores cumprindo tarefas completamente festivas. Tanto no carnaval, como no futebol, como em outras atividades com participação expressiva da população é importante, como caracteriza Mascarenhas (2013), a reflexão sobre em que medida as mudanças em curso são expressões de um movimento mais amplo que se passa na cidade contemporânea.

Nesse sentido, é importante depreendermos a força que possui o Cordão do Boi Tolo em atrair e reunir milhares de foliões em manifestações culturais que acabam sendo contra hegemônicas e, ademais, as transformações espaciais que acabam sendo impulsionadas por

conta da existência do bloco. Determinados lugares se tornam um ambiente de interesse democrático e comum, com processos de territorialização e de enfrentamentos radicais contra as tendências dominantes.

Por último, o Cordão do Boi Tolo possui estratégias socioespaciais que são elementos valiosos na defesa do bloco livre e democrático. Os blocos livres, de um modo geral, têm as suas idealizações e características, como a liberdade, a autenticidade, a espontaneidade, a ludicidade e a subversão, carregando a noção de desprogramação, pois rompem com um modelo de forma intencional para formatar uma outra proposta, de forma e experiência coletiva. No caso do Cordão do Boi Tolo (figura 1), o maior e mais reconhecido entre essas agremiações, um dos princípios é o de “nunca pagar e nunca receber”, que norteia a auto-organização e o mantém completamente afastado de quaisquer interesses financeiros. São essas ideias engendradas que protegem os agrupamentos de qualquer infiltração ou imposição que desvirtue esses princípios. Percepções que são compartilhadas nos convívios diários, nas reuniões organizativas, nas oficinas musicais, nos eventos, nos desfiles e, agora, principalmente nas redes sociais e grupos de aplicativos de mensagens. Tais características evidenciam a necessidade de reflexão acerca da própria ideia de carnaval, uma vez que os blocos livres, como o Boi Tolo, se aproximam muito da ocupação desprendida das ruas. A construção cultural do carnaval sempre foi historicamente transgressora; originalmente à Igreja, através das disputas com a quaresma, e na atualidade ao excesso de leis e regulamentações. A partir desses elementos, consideramos que o carnaval dos blocos livres, e o Boi Tolo, têm papéis relevantes na organização carnavalesca da sociedade carioca.

Organizamos este trabalho partindo do objetivo principal da disputa do bloco Cordão do Boi Tolo contra as imposições do poder público, entendendo essas determinações como cerceadoras das próprias festividades e do direito à ocupação do espaço público. Como parte desse objetivo, apresentar a Desliga dos Blocos, associação carnavalesca que luta pelas mesmas concepções do Boi Tolo, envolvendo mais blocos na construção anual da Abertura do Carnaval não Oficial. Como objetivos secundários, apresentar as principais estratégias socioespaciais utilizadas para a sobrevivência da Desliga e do Boi Tolo, contando ainda algumas histórias e fatos vivenciados pelo bloco, na sua busca por manter suas principais características e identidade, a partir de alguns eventos e festividades, que o fortalecem sua própria continuidade. Apresentaremos ainda o modo de organização e ação dos integrantes do bloco, das estratégias de preservação dos ideais que permeiam a existência do bloco e os desafios para a realização dos desfiles.

Partimos de um breve histórico do carnaval, trazendo um pouco dos aspectos mais subversivos dos diferentes momentos, como a brincadeira do Entrudo, em Portugal e posteriormente no Brasil, como referência de modos de ocupações dessa festa chamada carnaval, que dialogam com apoderamentos trazidos pelos blocos livres na atualidade. O incômodo do poder público, historicamente e em qualquer eventualidade, diante da percepção da falta de controle populacional, ainda que pontualmente, de modos e dos espaços públicos é sempre passível de um maior aumento de determinações e repressões, incluindo a violência física. A razão de trazermos os elementos do passado é buscar um diálogo com alguns episódios reportados de cerceamentos com as brincadeiras de carnaval que ocorriam antigamente com as coerções que ocorrem na atualidade.

A justificativa desse trabalho surge através de uma experiência de estudos geográficos do autor, com um olhar mais crítico sob o Cordão do Boi Tolo e a Desliga dos Blocos; um bloco que busca romper com a organização formal do carnaval para realizar uma nova apropriação do espaço, estabelecendo novas e variadas relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Apresenta-se ainda uma relação de conceitos geográficos com a movimentação do bloco, como a ideia de “lugar”, que cria relações afetivas de pertencimento, responsável pela ocorrência das experiências e vivências com o mundo, e que é particularmente o ponto de construções socioespaciais.

O espaço, vivido e ocupado pelo Boi Tolo, que constrói imagens como lembranças, que nesse aspecto são muito mais simbólicas pela rápida modificação do tempo e do espaço nessa manifestação, nas quais as fotografias e vídeos são fundamentais para os registros de diferentes percepções. Essa ocupação espacial opera ainda como uma história importante de ser narrada, graças à contraposição que faz, durante o carnaval, mas não só nesse período, entre as necessidades de reprodução das relações sociais de produção, por um lado, e a divisão social do trabalho que ocorre ao longo do ano nos mesmos locais, por outro. Nesse aspecto buscamos valorizar algumas histórias do bloco que dialogam com os espaços vividos pelos seus foliões.

Estruturamos este trabalho em quatro capítulos, apresentando primeiramente algumas referências históricas do passado que sobrevivem no carnaval atual, com mais impacto nos blocos livres. Trata-se de algumas referências que darão subsídio para entendermos como o carnaval foi disputado pelas classes dominantes para ser um evento das elites, servindo para a diversão da nobreza e voltado ao comércio e ao lucro. Ainda assim, através de diversas transformações, que envolveram muita luta, tornou-se algo popular, mais próximo do alcance da população. Posteriormente, apresentaremos o bloco Cordão do Boi Tolo, forjado a partir da

necessidade de ocupação de espaço público, um bloco que no seu primeiro desfile incorporou características de discordância com um modelo de carnaval que estava sendo adotado pelos blocos oficiais. A intenção é demonstrar como o Boi Tolo se desenvolveu à medida que se enfrentou com determinações do poder público. No terceiro capítulo, abordaremos alguns episódios e histórias do bloco, para nos familiarizarmos com suas práticas cotidianas e o alcance das suas ações, nos quais todos os relatos trazem uma questão em comum, que é a necessidade da ocupação do espaço público. Até mesmo quando não se pode ocupar, em decorrência da pandemia do Coronavírus, esse debate foi feito a partir da necessidade de que voltássemos aos cortejos e as aglomerações de forma segura. Por fim, no quarto capítulo, debateremos as estratégias socioespaciais que garantem a sobrevivência do Boi Tolo e servem também de inclinação para milhares de pessoas que veem no bloco algo diferente, que vale a pena ser experimentado e fortalecido. Estratégias que diferem o Boi Tolo da maioria dos blocos, principalmente os oficiais e que dialogam com a forma que o espaço público será ocupado e, nesse sentido, concluimos o trabalho com a valorização que o bloco deposita nessas ocupações.

Figura 1- Desfile do Cordão do Boi Tolo em 14 de fevereiro de 2019



Fonte: Foto de Luís Otávio Almeida

1 O CARNAVAL DE RUA DO PASSADO QUE VIVE NO PRESENTE

Neste capítulo, trataremos da historização do carnaval através dos autores, Eneida Costa de Moraes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Marília T. Barboza da Silva, Carlos Cachaça e Arthur L. de Oliveira Filho, que abordam elementos de perseguições e cerceamentos aos festejos, em diferentes períodos, principalmente as brincadeiras do Entrudo, que envolvem diferentes setores da sociedade. Autoridades e pessoas proeminentes da sociedade, principalmente as que determinavam códigos de maneiras e posturas, reprimiam frequentemente as brincadeiras e os argumentos eram quase sempre racistas e elitistas. Não apenas o Entrudo, mas também os blocos que aglomeravam pessoas das camadas populares, eram alvos também de críticas e de censuras.

No subcapítulo 1.1 trataremos de referências do carnaval antigo que permanecem até os dias atuais. No 1.2 as brincadeiras do Entrudo em Portugal e no 1.3 o Entrudo no carnaval antigo da cidade do Rio de Janeiro. Esses subcapítulos vão expor a centralidade do carnaval na sociedade e determinados elementos que encontraremos posteriormente não apenas no carnaval atual, como no bloco Cordão do Boi Tolo.

1.1 As referências de um antigo carnaval que nunca se perdem

Estudar o Carnaval Carioca, além de um enorme privilégio, é uma necessidade, pois nos permite analisar as construções sociais em diferentes períodos da história do país. Uma festa que tem centralidade destacada e, que em diversos momentos interfere no conjunto do comportamento social. No passado, fatos nacionais marcantes ocorreram por interferência dos festejos carnavalescos; como a criação de clubes tradicionais, agremiações que contribuíram enormemente não apenas para o carnaval, como nas lutas políticas por liberdades democráticas (MORAES, 1987 Pag. 77). Tais associações promoveram bailes famosos, ilustrados nos principais jornais da época. Devemos citar ainda a eclosão de estabelecimentos comerciais, como hotéis de luxo e, posteriormente, os teatros por conta de fenômenos ligados ao Carnaval, com a realização de disputados bailes carnavalescos. (MORAES, 1987 pag. 54). Ainda muitas solenidades, como casamentos entre diferentes pessoas notáveis tiveram os festejos carnavalescos como cenário ou motivação de aproximação. Diversas imposições por

parte de autoridades de comportamentos sociais, o surgimento de novos estilos musicais e de danças, o aparecimento de personalidades folclóricas, como o Zé Pereira (MORAES, 1987 pag. 57). Ainda a invenção e disseminação de novos instrumentos musicais, principalmente os de marcação: enfim, uma infinidade de novidades surgiram, desenvolveram-se ou modificaram-se por conta dos festejos carnavalescos. As imagens que temos de diferentes festejos se propagam pela grande audiência que possuem, criando também uma narrativa histórica da cidade e até do país. Essas marcas imagéticas culturais possuem destacada necessidade de análise na formação sociocultural do nosso povo. Sensações que carregam lembranças de experiências do passado, que ajudam a interpretar as informações e a orientar novas ações. Talvez a grande audiência de certas imagens, podendo, porventura, até serem chamadas de paisagens culturais, é estarem carregadas de significados precisamente por serem construídas por desejos tão comuns, de forma bastante estruturadas. Isso permite ainda ao indivíduo ter uma oportunidade de escolha, um ponto de partida, para novas aquisições num universo de possibilidades. Ou seja, o Carnaval, por ter uma configuração bastante ampla, permite que novos acontecimentos sempre surjam, o que pode ser um problema para quem deseja uma padronização completa dessa manifestação.

Introduzido no Brasil pelos portugueses, tinha as características do antigo Entrudo, o Carnaval europeu, que pouco se assemelhava com o que conhecemos dos tempos atuais, apesar de algumas marcas pontuais comuns, como as batalhas de limões de cheiro entre os foliões, que evoluíram mais recentemente para a utilização dos confetes e serpentinas. Hoje, por conta do forte calor Carioca nos dias de Carnaval, as batalhas de água voltam a ser observadas com armas de brinquedos e lançadores. Temos ainda a utilização de sprays de espumas, que apesar de ser uma criação contemporânea, acaba revivendo os sentimentos mais antigos de repulsa com a brincadeira, oriunda do Entrudo.

Do antigo Entrudo, com suas algazaras nas ruas, passando pelos desfiles aristocratas dos Corsos, posteriormente o surgimento dos elegantes bailes e, por fim, com a ocupação das ruas com os “blocos sujos” podemos afirmar que o Carnaval sempre esteve envolvido diretamente com a luta de classes (MORAES, 1987 pag. 33). A utilização de aparato policial, nas farras carnavalescas, sempre aconteceu desde o período do Império. Já no século XIX, as ruas eram patrulhadas por policiais a cavalo, enquanto outros agentes, uniformizados ou não, ficavam de prontidão para manter as brincadeiras dos Entrudos nos marcos de cada classe social e, assim, garantir a “paz” e a “ordem” (QUEIROZ, 1992 pag. 33). Prisões ocorriam simplesmente se uma pessoa sem prestígio resolvesse brincar com uma figura de outra classe. Entender como o Estado se organiza e pune é imprescindível para observarmos como o

carnaval atual se desenvolveu para o que temos conhecimento hoje. Os blocos de rua, nos quais somos “obrigados” a andar e assim realizar força física, podem ser vistos como um grande prazer na atualidade, mas chegou a representar um elemento de ruptura com os corsos, os carros abertos, onde apenas a elite se divertia. Os blocos de rua, tal como os antigos cordões e posteriormente os ranchos, representam a ocupação popular das ruas, uma conquista social, política e cultural. Não é prudente pensar que o direito a essa ocupação está assegurado, dado que o poder público está sempre agindo para limitar, cercear e elitizar os festejos. No presente, como falaremos com mais profundidade, as lutas pelo direito mais amplo e democrático ao carnaval ainda provocam conflitos entre agentes do estado e os foliões.

É importante, pensarmos ainda, os fatores religiosos e morais que têm mais desentendimentos que assimilações com as particularidades dos folguedos carnavalescos. Para a maioria das pessoas, podemos perceber que o carnaval não tem nenhum sentido religioso e podemos citar o próprio feriado de Quarta de Cinzas, que se aproxima muito mais de um descanso ou de mais um dia de folia que dos rituais de início da Quaresma. Mas nem por isso as Igrejas deixam o carnaval “impune”, afinal temos vários episódios em que a Igreja se colocou frontalmente contra temas e alegorias nos desfiles das escolas de samba, no Sambódromo da Marquês de Sapucaí, oficialmente Passarela Professor Darcy Ribeiro, o que fez com que as representações desfilassem censuradas, como só um exemplo, a escola de samba Grande Rio, em 2004, quando desfilou com o enredo “Bota a camisinha, meu amor!”. Neste desfile a igreja Católica exigiu que dois carros alegóricos fossem cobertos e assim aconteceu. O tema da moralidade, nas diferentes festas carnavalescas, esteve historicamente mais voltado para perpetuar as diferenças de classes do que impedir um eventual “comportamento promíscuo”. O que os relatos e a história do carnaval nos apontam é que os comportamentos festivos, com todas as suas peculiaridades, sempre existiram, mas dentro dos limites de cada grupo socioeconômico. Em alguns momentos com a extensão da classe média e em outros com a autenticidade dos desfiles de rua, principalmente dos “blocos sujos”. Essa organização fez com que a elite se retraísse e condenasse o próprio carnaval das outras camadas, o carnaval popular, com argumentos explicitamente morais, pois mesmo se afastando nos dias de festejos para grandes hotéis, clubes e cidades interioranas, os mais abastados não deixaram de pular o carnaval um único dia e de promover os seus grandiosos bailes ou desfiles fechados. Nesse sentido, a rua fica para o povo e torna-se prontamente um local de “desordem” e de “depravação”. Nessa perspectiva, resta ao poder público,

ideologicamente vinculado ao poder dominante, a necessidade de colocar “ordem” nos espaços públicos, criando mais mecanismos de cerceamento que de organização.

Os antigos Cordões, do início do século XX, não só se manifestavam com um grande contingente nas ruas, como suas comissões de frente travavam verdadeiras batalhas campais contra as comissões de frente de outros grupos, das quais muitos saíam arrebatados fisicamente. Quem ganhasse a briga era o campeão (Silva, Cachaça e Oliveira Filho, 1980 pag. 25). É relevante entendermos esses processos a partir da própria formação dos territórios mais carentes da cidade, pois são os locais que mais criaram agrupamentos carnavalescos. Espaços sempre muito marginalizados, cujos habitantes pobres, que sobreviviam como podiam, tinham nos cordões um conforto, um engrandecimento, uma exacerbação, nos quais experimentavam o máximo que podiam do sentimento de liberdade, de expansão de consciência e de ocupação do solo, pois quando saíam em grupos, com a autoridade simbólica dada pelo Rei Momo, dominavam diferentes espaços e criavam narrativas culturais, tornando-os artistas de rua. Nas sociedades carnavalescas, mais antigas que os cordões, podemos observar, de forma similar, os processos de territorialização. Nascidas a partir do sucesso dos bailes de Carnaval, em meados do século XIX, também são elementos constituintes do nosso passado e atraíram um número expressivo de sócios. Tais sociedades ocuparam grandes espaços comerciais com suas sedes oficiais e realizaram uma infinidade de eventos carnavalescos, numa época em que eram uma das principais festividades da cidade. Havia logradouros que eram conhecidos como pequenas zonas de determinados clubes, devido a conexão que tinham com grandes grupos de pessoas que frequentavam os locais. (MORAES, 1987 pag. 79) Nesse sentido, esses ambientes também trazem relações fortes de identidade, um conceito fundamental para correlacionarmos com o carnaval carioca, já que as marcas socioculturais são bastante percebidas nos diferentes blocos. Geograficamente, podemos apontar os locais que carregam um tipo de herança que influencia construindo um tipo de perfil de um agrupamento carnavalesco. Locais com profundas diferenças e desigualdades sociais acabam manifestando características até bastante distintas de outras áreas da cidade. A própria formação musical, a preferência por determinados estilos e comportamentos varia nos diferentes bairros do município. Um estilo comum numa determinada parte da cidade, pode ser completamente estranho para uma outra parte, as próprias condições locais influenciam nos comportamentos e, sob essa lógica, as pessoas se adaptam a sua redondeza, extraindo identidade do que está ao seu alcance, num sistema aberto que está sempre em transformação e evolução.

Os elementos que constroem identidades apontam também para a ideia do “lugar”, que é fundamental para pensarmos os locais de nascimento das agremiações carnavalescas, os espaços favoritos de passagem e parada dos blocos e os sentimentos que pulsam nos foliões de pertencimento a algo emblemático, que pode ser representado pelo próprio bloco, no ato de ocupar um determinado local simbólico, ou o próprio local se tornando simbólico a partir das manifestações do próprio bloco. A própria construção de simulacros passa por essas novas ressignificações, características recém incorporadas que vão sendo atribuídas aos objetos, fazendo modificações ou acréscimos de sentidos práticos e emocionais. Com isso, a ideia do “comum”, locais e ideias compartilhadas socialmente, de forma não comercializada, também é encontrada na construção dos festejos carnavalescos e ajuda a pensar, tanto do ponto de vista das manifestações em si, como dos sentimentos repartidos. A rua, por ser um espaço público, de ocupação permanente e habitar do homem, está sempre em disputa de sentidos, pois também é o espaço dos encontros, das possibilidades, das trocas e do conhecimento. Não pode existir uma padronização, uma extensão máxima de propriedade privada que anule completamente a vontade de encontrar o “outro”, da partilha de sensações e sentimentos, e, nesse sentido, pensamos as manifestações carnavalescas como uma radicalização desse processo de busca por novos significados, da procura por construções de novas possibilidades que está sempre presente ao longo da própria história do carnaval. Assim sendo, não basta apenas apresentar uma formulação ou proposta fechada para a organização dos festejos, pois os conceitos básicos e mandamentos do Momo rompem com regulações, tornando o carnaval um evento cuja organização é *sui generis*. A estrutura que conhecemos do carnaval, perceptível pela sociedade, se deveu a mutações de antigas formas e não de apresentação de um modelo festivo, como a maioria dos eventos comerciais.

O carnaval tem um gene de público, que o coloca acima das convenções sociais que privilegiam o lucro empresarial. É um bem comum, como são as ruas de onde nasceu, em constante disputa por parte dos foliões pelo direito à livre circulação e utilização. Se não o ano todo, que sejam pelo menos alguns dias de liberdade, folia, espontaneidade, sem nenhum tipo de cerceamento ou amarras.

1.2 O Antigo Entrudo

Segundo Queiroz (1992, p. 30) “chamava-se Entrudo o antigo Carnaval português (figura 2); o termo significava “entrada”, segundo dizem, para a celebração do início da primavera. Com a implantação do cristianismo, passou a se realizar do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas”. As práticas não eram gerais em Portugal, existindo somente em determinadas aldeias. Havia variações nas festas, mas com elementos mais ou menos constantes. Existia um boneco chamado Entrudo ou João, às vezes acompanhado por uma segunda personagem, chamada Dona Quaresma, que passeava pela rua, seguido por um cortejo que entoava cantigas burlescas. Ao fim acontecia o “enterro” do boneco, após a leitura de um testamento.

Os festejos eram regados de chouriços, salpicões, presuntos, salsichas, linguiças, entre outras iguarias à base de carne de porco, e as brincadeiras entre jovens do mesmo sexo ou entre famílias ocorriam com o lançamento de farinha, lama, cinzas e esborrifos de água fétida. Grupos de mascarados perambulavam pelas aldeias fazendo o maior barulho possível, verdadeiras algazarras, com instrumentos musicais, ou até mesmo panelas e outros utensílios. Por fim, as festividades eram fechadas com danças e bailes tradicionais numa atmosfera de alegria geral e grande entusiasmo, com a participação de todos os habitantes da aldeia, de formas diferenciadas, dos folguedos. Havia atividades exclusivas dos jovens, que eram fornecidos para as lutas, os destaques do cortejo, as mascaradas e etc. As atividades que os homens desempenhavam jamais eram exercidas pelas mulheres, ou vice-versa. Os outros extratos de idade participavam hora como organizadores da festa, ora como público. No grande banquete final, todos celebravam a coletividade.

Figura 2 - A prática do entrudo.



Fonte: Jean-Baptiste Debret, 1768-1848.

Chamam a atenção alguns elementos que de alguma forma se encontram ou tentam sobreviver no presente. A importância dos festejos dos Entrudos nas aldeias era a manutenção da comunhão geral, o reforço da unidade cultural e, apesar disso, não era impossível que ocorressem disputas entre os próprios habitantes ou com outras aldeias, quando aconteciam as “invasões” com brincadeiras e farsas imitando brigas, tudo terminando numa grande refeição. Os bonecos também tomavam a forma de luta um contra o outro ou ainda eram surrados pelos foliões durante os cortejos até seus “enterros”. As rixas se expressavam oralmente através da utilização de palavrões e pornografia, que figuravam também no “testamento”

Na maior parte das aldeias portuguesas, essa comemoração perdurou, sem sofrer muitas modificações, até os últimos anos do século XVIII, quando os festejos começaram a se diferenciar com mais acentuação nas aldeias e nas cidades. Exatamente por conta da estruturação da cidade, os folguedos passaram das casas para as ruas, possibilitando maior interseção de pessoas diferentes e ao mesmo tempo o aparecimento de distinções, pois nas aldeias os festejos não tinham nenhum tipo de diferenciações socioeconômicas. Queiroz citando o sueco Ruders (1992, p.32) afirma:

que inscreveu suas impressões de Lisboa, onde vivera de 1778 a 1802, viu estupefato senhoras distintas jogarem bacias d' água em dois fidalgos transeuntes, nada fazendo, no entanto, contra os lacaios que os acompanhavam; e comentou que tal se dava porque “não os julgaram provavelmente dignos de tão fina distinção. Criadas e servas molhavam guardas, policiais e outros passantes de sua condição; as pessoas mais pobres “ficavam por conta do rapazio das ruas, que se incumbiam de salpicar de lama e de lhes enfarruscar a cara com serralho ou fuligem”. Quanto aos estrangeiros, pareciam ser a vítima de todo mundo.

As lutas entre os sexos tinham espaço e um significado de cortesia, mas apenas nos mesmos extratos socioeconômicos, no qual ser recebido com um balde de água ou punhado de farinha na cara permitia saber se era ou não aceito pelas senhoras.

A partir de então o Entrudo foi sofrendo transformações cada vez maiores nas cidades portuguesas e, durante o século XIX, outras atividades festivas ganharam terreno, como os bailes de máscaras (QUEIROZ, 1992 pag.51). Diante dessas renovações a segregação aumentou devido ao preço das entradas e as despesas com fantasias e consumação, fazendo os jogos se destinarem cada vez mais as pessoas de alta classe (MORAES, 1987 pag.55). Havia nas ruas bandos de rapazes mascarados disputando com outros grupos as farsas mais originais e as fantasias mais luxuosas e belas. Criou-se ainda, no seio das famílias aristocratas e muito ricas, o hábito de passear de carruagem pelas avenidas centrais, no final da tarde. A ornamentação dos carros e os trajes luxuosos geraram os concursos com prêmios para as mais

deslumbrantes fantasias e ornamentações. (QUEIROZ, 1992 pag. 18 e 19) Assim, o entrudo foi acabando e dando lugar a um outro tipo de Carnaval, como consequência do crescimento populacional e o aumento das diferenças sociais. Nos festejos populares das aldeias a separação se dava por famílias e não por extratos sociais. Foi a partir do fenômeno da urbanização e do desenvolvimento das cidades que as diferenças passaram a ser de extratos sociais.

As condições econômicas das principais cidades portuguesas, Lisboa e Porto, permitiam uma similaridade de requisitos que tinha a França, que despontava com um Carnaval extremamente rico e elitizado, com bailes nobres e desfiles luxuosos de carros alegóricos. Não demorou para o Entrudo, que já se encontrava bem menos “violento” e cada vez mais moderado desaparecer das cidades, apesar de ainda ter resistido por muito mais tempo em pequenos lugarejos. As cidades, principalmente Lisboa, já tinham um outro tipo de Carnaval, grandioso e alegre, que agradava aos setores de elite do país. As camadas inferiores e intermediárias passaram de atuantes ao papel de mero espectadores, ou ainda constituíram a mão de obra necessária para a realização das atividades festivas. Os ricos desfilavam em seus carros e a plebe se amontoava nas calçadas para vê-los passar (QUEIROZ, 1992 pag.36)

Um século depois, o Carnaval de Portugal declinava por toda a parte até desaparecer por completo. Muitas razões não definidas são apontadas, como a instalação da ditadura de Salazar, a colonização de países africanos, que exigia muitos esforços, e a Segunda Guerra Mundial, que retirou muitos trabalhadores de vilas e aldeias para trabalharem na reconstrução de países como Alemanha, França e Suíça. É importante salientar que o Carnaval, ao se transformar numa festa elitizada, se enfraqueceu e perdeu seu sustentáculo popular. Não poderia ser uma classe minoritária e com interesses financeiros, nos agitados cenários políticos e econômicos pelos quais passava Portugal, responsável por manter uma tradição que necessita dos princípios de comunhão, de integração e de solidariedade para sobreviver.

1.3 O Carnaval antigo do Rio a partir do Entrudo

O Entrudo no Brasil chegou através dos portugueses e reinou sozinho durante todo o período colonial; depois, lá pela metade do século XIX, o Carnaval foi se instalando pelas principais cidades, substituindo por completo o Entrudo, que em Portugal ainda sobreviveu

por mais tempo que no Brasil. A partir do século XX o Carnaval sofre uma grande transformação, sem haver em Portugal movimentação semelhante. (QUEIROZ, 1992 pag. 45)

Os documentos antigos, do Brasil colônia, que tratam do Entrudo são escassos e apontam mais para as proibições e tentativas de combater as práticas consideradas nocivas. Algumas obras apontam para relatos de viajantes estrangeiros estupefatos com os jogos vistos como violentos, mesmo sabendo que as brincadeiras já eram de amplo conhecimento, pelo menos na Europa, uma vez que não se diferenciavam em nada do que ocorria em Portugal. (QUEIROZ, 1992 pag.48) O Entrudo consistia principalmente do lançamento de “limões de cheiro”, que eram bolas feitas artesanalmente com cera ou parafina, com algum líquido em seu interior. Em um determinado momento foi muito utilizada água fétida, para aborrecer o adversário, enquanto posteriormente passou-se a utilizar fluídos com essências ou perfumes, o que servia também para chamar a atenção de alguém que estivesse interessado para uma relação amorosa. Seringas e bisnagas d’água também eram muito populares para encharcar um oponente, além das farinhas, cinzas e pós coloridos que eram jogados ou esfregados nos rostos. O Entrudo era jogado principalmente nas ruas, mas há relatos do seu emprego também nas áreas internas das casas, onde era praticado por seus moradores, parentes ou amigos íntimos. Não se respeitava nenhum cômodo e após as lutas, era servido um grandioso banquete. O próprio preparativo da festa envolvia todo mundo; do pequeno comerciante até o escravo, todos se dedicavam à fabricação das peças e a organização dos festejos, apesar de que as brincadeiras ficavam restritas apenas aos homens livres e senhores, já que as divisões étnicas e socioeconômicas permaneciam também nos jogos, reproduzindo o mesmo estrato da sociedade (QUEIROZ, 1992 pag.47 e 48). Era inconcebível que um escravo jogasse água ou farinha num homem livre, apesar de que o contrário poderia facilmente acontecer. Interessante observar ainda que os estrangeiros eram vítimas de todo mundo. Desde uma senhora até um moleque desabrigado, não havia limites étnicos e nem socioeconômicos para a proteção de forasteiros (MORAES, 1987 pag. 32)

O Entrudo estava na sua época mais expansiva no início do século XIX, quando chega a família real portuguesa fugida das tropas napoleônicas. A partir desse período, a cidade do Rio de Janeiro começa a sofrer diversas modificações e a perder suas características provincianas, recebendo muitos investimentos, reformas e ganhando uma centralidade grande. O Entrudo não desapareceu repentinamente, muito pelo contrário, resistiu o quanto pode aos novos tempos e a todas as imposições oficiais que tentaram por fim nas brincadeiras. Coexistiu com o Grande Carnaval até a última década do século XIX, só desaparecendo completamente no início do século XX. Temos ainda alguns locais do país onde persistem os

jogos com limões de cheiro. Na própria cidade do Rio de Janeiro, devido ao forte calor, voltam brincadeiras envolvendo guerras de jatos de água, existem confirmações de uso das brincadeiras até em meados do século XX. De qualquer forma, cabe pontuar que o Entrudo, como ritual, com todas as suas características, se encontra extinto.

O novo século trazia uma nova consciência e novos comportamentos elitistas, sendo a construção da Avenida Central um marco para a nova capital federal do país. O Brasil passava do Império para a República estabelecendo-se como uma referência em urbanização e visões arquitetônicas. Tudo tinha influência de Paris, desde os produtos vendidos nas lojas até os próprios estabelecimentos, com nomes franceses. Muitos cafés e confeitarias sofisticadas recebiam muita gente para o chá da cinco, que era tomado as quatro da tarde. Muitas marcas famosas se estabeleceram naquela região, sendo frequentada pela mais alta classe, que vinha de charretes das suas mansões em Laranjeiras ou Botafogo. Os grandes prédios mesclavam construções do passado e do presente, sendo uma moda naquela época que produziu os edifícios da atual Biblioteca Nacional, do Teatro Municipal, o atual Museu Nacional de Belas Artes e o prédio do antigo Supremo Tribunal Federal. Cinemas modernos, casas importadoras de automóveis, os primeiros hotéis da cidade, o Jornal do Comércio e o Clube de Engenharia, entre outros prédios famosos, impulsionaram as transformações na Avenida Central, que se tornou o cartão de visitas da República, principalmente para a elite. Exemplo de modernidade, frequentado por pessoas da alta classe, servindo de modelo para ruas saneadas e alargadas, era o centro das atenções e sede do poder financeiro e da alta cultura.

O Carnaval, sendo uma manifestação plural e envolvente, não só transpassou carregando algumas novas tendências que sopravam de Paris para o Atlântico como também teve um grande destaque na alta cultura da cidade. Chegavam notícias da Europa da realização de bailes de máscara, como a mais nova tendência e logo sugeriram a realização do joguete dentro da nossa folia, tendo o apoio da Câmara Municipal. Começava o período do “Grande Carnaval” e o primeiro sinal da transformação carnavalesca data de 20 de janeiro de 1840. Era anunciado, pelos principais jornais da época, um baile de máscaras, no Hotel Itália, no mesmo molde daqueles realizados na Europa. No dia seguinte os periódicos exaltavam o refinamento e a elegância da festa, dignos de uma sociedade moderna e disciplinada. O sucesso foi tão grande que o baile se repetiu em fevereiro, durante o Carnaval, e foi multiplicando-se, dando origem a um festejo que dura até os dias atuais.

Em 1844 a nova moda se aperfeiçoava: já era servida ceia, vinhos e refrescos para depois do baile, o que encarecia o preço das entradas. Mesmo com o custo dos festejos, a prática estava tão forte que começaram a aparecer as sociedades carnavalescas, para organizar

os bailes, sendo a primeira delas chamada Constante Polca, criada para organizar o Baile do Hotel Itália, o primeiro de todos. Outros teatros iriam reproduzir a festa de forma idêntica com grande sucesso de público e apresentações, durante muitos anos. As sociedades carnavalescas, também chamadas de clubes, surgidas dezesseis anos após os primeiros bailes, vão contribuir abrilhantando os festejos e promovendo os desfiles de carros alegóricos na Terça de Carnaval. Ao mesmo tempo nascia o Corso, passeio, a princípio de carruagens, e depois de luxuosos automóveis, em que as famílias desfilavam suntuosamente fantasiadas. Essa outra forma de manifestar o carnaval chamou-se Carnaval Veneziano, mas logo depois passou a se chamar Grande Carnaval.

Os bailes de máscaras se tornaram muito populares, mas não contavam com a participação das famílias, que ficavam nos camarotes, de forma curiosa, para não perder a festa, observando de longe o povo dançar, cantar e pular. Conta Moraes (1987) que em 1855, o famoso escritor José de Alencar, ao falar com diretores do Clube Cassino, prometera as mocinhas de família um baile de máscaras do qual elas pudessem fazer parte e não serem mais simples espectadoras, como nos teatros. Em 1888 seu desejo estava realizado com bailes essencialmente familiares ocupando um grande lugar ao lado dos outros grandes bailes públicos. Em 1900 os bailes atingem o auge, com a realização do primeiro arrastado de família em Copacabana. E 1902 os bailes aconteciam em toda parte, inclusive em áreas livres e iam aumentando mais, à medida que a cidade ia crescendo e se desenvolvendo. Em 1932, com a oficialização do Carnaval, surgiram mais bailes, como o primeiro do Teatro Municipal e dos grandes hotéis, como o Glória e o Copacabana Palace. A partir daí surgiram os bailes temáticos e de motivos específicos, como de travestis, de coroação de Rainha do Carnaval, do Rádio, etc (MORAES, 1987 pag.54).

Historiadores do Carnaval, como Maria Isaura Pereira de Queiroz e Eneida de Moraes, atribuem o início do declínio dos bailes aos problemas econômicos que atingiram a população. As perdas salariais e ao mesmo tempo o aumento dos preços das entradas, cada vez mais caras, e ainda o alto custo de fabricação de fantasias, foram excluindo uma grande parcela da população dos festejos. Assim como no Entrudo português, a elitização dos folguedos cariocas foi determinante para o seu descenso. Os bailes continuam até os dias atuais, mas sem a concentração que tinham anteriormente. Começou como uma moda a ser importada da Europa e em pouco tempo virou referência mundial. A partir de então se elitizou e perdeu forças para o advento de outras formas de carnavalizar. O Corso, que era o desfile luxuoso com carruagens e posteriormente em carros abertos, foi perdendo espaço, também para a modernidade, com o crescimento demográfico e a ampliação da classe média, que

disputava espaço na participação da festa. As maneiras de vestir e os comportamentos se tornaram cada vez mais “misturado”, fazendo com que a elite se retirasse dos festejos, e conseqüentemente das ruas, deixando o espaço para a celebração do povo. Posteriormente os automóveis fechados inundaram os mercados, fazendo com que o Corso desaparecesse por completo.

Outro fator que deve ser analisado nas modificações que sofreram os festejos carnavalescos foi a expansão da prática do turismo. A conquista dos direitos trabalhistas, principalmente com o 13º salário, as férias, entre outras garantias, permitiram que uma boa parcela da população utilizasse do recesso de Carnaval para viajar, com os argumentos ademais até preconceituosos; de fuga da promiscuidade, da bagunça e da desordem das manifestações populares. Por outro lado, devemos também pensar nas práticas turísticas que o Carnaval atrai, bem como o aumento perceptível de turistas que chegam à cidade nessa época, principalmente para aproveitar os blocos de rua e as escolas de samba.

Com o desaparecimento dos corsos e a diminuição dos bailes de máscaras começaram a surgir os blocos, principalmente nas camadas inferiores, com desfiles cada vez mais numerosos, cantando e dançando por determinadas ruas. Os setores dominantes, que tinham sido promotores e atores dos festejos carnavalescos, se convertiam agora em espectadores dos blocos e cordões.

O Carnaval Popular, de certo modo, sempre existiu, pois foi forjado através da resistência e do afã dos despojados da brincadeira de conquistarem esse direito. Essas expressões se propagam e são passadas de gerações em gerações. Ao analisarmos o Entrudo, veremos que as pessoas escravizadas tinham seus mecanismos de inserção nos folguedos, mesmo com as vastas limitações. Posteriormente, quando se ascendeu o Grande Carnaval, outras compreensões foram sendo passadas do período anterior e novas manifestações foram germinando. O próprio nome desse período tem seu legado por conta dos negros: segundo Queiroz (1992, p. 55):

por volta de 1870, pequenos grupos de pessoas negras, habitando bairros pobres e periféricos do Rio de Janeiro, se reuniam para cantar e dançar nas vielas ou nos quintais durante o Carnaval; as canções, os ritmos sincopados da música mostravam a origem afro-brasileira; surgia o pequeno Carnaval.

Ao fim da época do Grande Carnaval ou Carnaval Burguês, as ruas já começavam a ser tomadas principalmente pelos Cordões, que saíam dos guetos e favelas para batalhar um contra os outros. Depois vieram os Ranchos e posteriormente os blocos, que eram as células de onde iriam surgir as escolas de samba, modificando por completo o folguedo carioca. Uma

obra importante sobre a história do Carnaval do Morro de Mangueira, o livro *Fala Mangueira* (1980), aponta os blocos que deram origem a algumas escolas como o Estácio, oriundo do bloco carnavalesco *Deixa Falar*, vermelho e branco. A *Portela*, proveniente da *Vae Como Pode*, azul e branco e a *Mangueira*, de inúmeros blocos, tais quais o *Bloco da Tia Fé*, posteriormente conhecido como *Bloco do Seu Júlio*, *Bloco da Tia Tomásia*, *Bloco do Mestre Candinho*, entre outros menos cotados, no âmbito do buraco quente.

Se antes as classes superiores tinham o protagonismo da festa, em determinado momento, o *Pequeno Carnaval*, das classes subalternas, tornava-se o *Rei da Folia*. O Carnaval começava a ter a estrutura do que conhecemos hoje.

Sabemos que, historicamente, os festejos carnavalescos sempre estiveram voltados à uma determinada classe privilegiada, tanto em Portugal quanto no Brasil. A única exceção relevante era o festejo das aldeias, onde a formação estrutural dos lugarejos não apontava para barreiras socioeconômicas; somente de sexo e idade, apontando os limites de atuação de cada grupo. A partir da formação e do desenvolvimento das cidades, as diferenças passaram a ser de grupos econômicos e se acentuaram na medida que as cidades cresciam. Para impor um controle de um grupo social sobre o outro, tanto no Brasil quanto em Portugal, medidas policiais foram cada vez mais utilizadas, principalmente para coibir determinados “excessos” e isolar os grupos em seus devidos espaços de “merecimento”. As desigualdades sociais que se apresentavam na vida cotidiana das cidades não eram abolidas no Carnaval, sendo reproduzidas da mesma forma. Em Portugal, segundo Queiroz (1992, p. 34), medidas policiais eram tomadas para que sua continuidade ficasse assegurada: as ruas eram patrulhadas por policiais a cavalo, enquanto outros policiais, fardados ou não, estavam a postos para manter cada qual no seu lugar, a fim de que os jogos se desenrolassem em paz.

Não era apenas no isolamento de grande parte da população que as classes superiores combatiam os preceitos das festas, mas também nas manias de se copiar os festejos franceses, afinal, ao coibirem as características do *Entrudo*, principalmente na sua comunhão popular, apontando riscos de conflitos, alargavam a separação entre os festejos das cidades e das aldeias. Era coibida uma manifestação originária, com traços antiquíssimos, que enriqueceu a tradição e os traços culturais do país para promover uma festa sem nenhum laço identitário com o povo.

É fundamental o papel da imprensa, que exaltava exaustivamente o Carnaval refinado e moderno das cidades francesas como modelo a ser seguido. Em 1904, também em Portugal, já se podia sair pelas ruas da cidade tranquilamente durante o Carnaval, sem nenhum risco de ser sujo ou molhado, não havia mais a forma antiga de se comemorar os dias gordos. Surge

então outro tipo de festejo, mais refinado, aceito e moderno, o Carnaval com belíssimos e luxuosos desfiles, disputado por toda aristocracia portuguesa, incluindo a família real, na presença da rainha mãe Maria Pia e os dois infantes D. Afonso e D. Carlos, participando dos desfiles em carro descoberto. A noite aconteciam os bailes de máscaras em clubes e teatros, com preços elevados. Alguns cortejos aconteciam a noite, organizados por ricas sociedades carnavalescas, que percorriam as avenidas principais. Essas atividades tornaram-se motivos de disputas e competições entre famílias ricas, com prêmios muito cobiçados. O dinheiro era gasto excessivamente na aquisição de fantasias e na compra de confetes e serpentinas; restaurantes caros ofereciam belas ceias que permitiam aos mais ricos romperem a madrugada.

O Carnaval da cidade aparentemente tinha seus proprietários. A população menos afortunada não tinha recursos para fazer frente aos enormes gastos dos desfiles, dos bailes e das ceias ostensivas. De tão dispendioso que era participar dos festejos, era comum pequenos burgueses gastarem todo o seu dinheiro e falirem, sendo alguns presos. Ao povo restava ficar amontoado nas calçadas observando os desfiles, mas até nesses espaços havia nítidas divisões pelos níveis sociais. Mesmo com toda a elitização dos festejos, aponta Queiroz (1992, pg. 37):

a presença de grupos barulhentos de jovens que continuavam saindo às ruas, em bairros e cercanias das cidades, fantasiados e cantando; alguns desses blocos representavam pequenas peças cujo tema era sempre inspirado em fatos históricos do país. Eram bandos rivais que traziam o nome de seus bairros.

Em 1954 os novos festejos carnavalescos já estavam em extinção e, contrariando as expectativas, o Entrudo ainda era encontrado em alguns lugarejos. A manifestação primitiva dos festejos atraía mais a atenção por conta dos turistas que queriam conhecer algo novo, dos folcloristas nostálgicos e os etnólogos. Tal fato ocorria devido o caráter genuíno do festejo, sua característica democrática e de congruência, bem diferente da fanfarronada importada pelos setores da elite, que não tinha uma identidade nacional. Nem era possível que ocorresse uma grande resistência pela manutenção do Carnaval, visto que a maior parte da população permaneceu alienada das construções e atuações nos festejos. (QUEIROZ, 1987, pag. 39)

Em 1818, na cidade do Rio de Janeiro, se jogava o Entrudo e relatos da época dão conta do alcance entre as pessoas. Todos se divertiam, mesmo com diversas limitações impostas, principalmente aos escravos. Mas até esses gozavam de certa “liberdade” para o deboche, sendo vistos na época fantasiados, imitando os trejeitos de velhos senhores europeus ou disparando as bisnagas de água e limões de cheiros sobre outros escravos. Os mesmos tinham ainda, nessa época, para além de seus trabalhos, o serviço de carregar latas de água,

recarregar bisnagas e encher os limões. A construção dos festejos, assim como em Portugal envolvia toda a família na preparação, ninguém ficava de fora e durou mais de três séculos. Segundo Moraes, citando Vieira Fazenda, alvarás e avisos contra o Entrudo começaram a aparecer em 1604 e foram repetidos em 1612, 1686, 1691, 1784, 1818. Em vão. “Apesar de todos os rigores – diz Vieira Fazenda – imperam sempre tão perigosos folguedos.” Apesar de proibido, os jogos apaixonavam os monarcas e os súditos, dado que D. Pedro I e posteriormente D. Pedro II também se valiam das brincadeiras.

Apresenta Moraes (1987, pg. 37), o edital de 1857:

O dr. Antônio Rodrigues da Cunha, cavaleiro das ordens de Cristo, Imperial da Rosa e Real da Conceição da Vila Viçosa, 2.º delegado de polícia da corte, por S. Majestade o Imperador que Deus guarde, etc: - Faço saber aos que o presente edital virem, que se acha em execução a seguinte postura: Tit. 8.º § 2 – Fica proibido o jôgo do entrudo dentro do município; qualquer pessoa que o jogo incorrerá na pena de 4\$ a 12\$ e não tendo com que satisfazer sofrerá oito dias de cadeia caso seu senhor não o mande castigar no calabouço com cem açoites, devendo uns e outros infratores serem conduzidos pelas rondas policiais à presença do juiz, para julgar à vista das partes e testemunhas que presenciaram a infração. As laranjas de entrudo que forem encontradas pelas ruas ou estradas serão inutilizadas pelos encarregados das rondas. Aos fiscais com seus guardas também fica pertencendo a execução desta postura. E bem assim fica proibido das 10 horas da noite até 4 da manhã andarem indivíduos pelas ruas da cidade com máscara, sendo os infratores prêsos e punidos com a pena de desobediência. E para que chegue a notícia a todos, mandei publicar o presente edital. Rio, 14 de fevereiro de 1857. E eu, Antônio Joaquim Xavier de Melo, escrivão de polícia, o subscrevi.

Esse edital aponta um elemento importante a ser analisado. Todos brincavam o Entrudo, mas os que deveriam ser severamente punidos eram os escravos, exatamente por não contarem com nenhum tipo de recurso financeiro.

Mesmo após muitas tentativas de pôr fim ao Entrudo, ele resistia bravamente. Os folhetins não cansavam de denunciar e expor a prática que para eles era completamente abusiva. Moraes (1987, pg. 37) cita um comentário de um jornal de 1879, até bastante burlesco:

O carnaval está à porta e já por aí em vários estabelecimentos se ostentam as terríveis bisnagas, algumas das quais pelas suas extraordinárias dimensões mais se parecem com certos instrumentos de reconhecida utilidade em casos críticos. Os fatos que geralmente se dão todos os anos de repetidas desordens provocadas pelo abuso das bisnagas, não devem ser esquecidos, a fim de que a polícia tome providências que estiverem ao seu alcance, no intuito de evitar cenas desagradáveis e de más conseqüências. Além das bisnagas, consta-nos que estão sendo preparadas grandes quantidades de limões de cêra destinados ao mesmo fim. Êstes, porém, são ainda de pior efeito e por isso devia ser proibido o seu uso. Esperamos que o senhor chefe de polícia providencie de modo a que tenhamos um carnaval insípido e sensaborão, mas em compensação tranquilo e limpo.

Esperava a imprensa um carnaval mais insípido, mas para efeito contrário, não apenas o Entrudo se mantinha firme e forte, como também foi, de certa forma, melhorando. As

bisnagas de metal, que antes só despejavam água, começaram a ser carregadas com sucos, vinagres, vinhos, entre outros líquidos aprazíveis. Os limões de cera, carregados de água ou líquidos fétidos, passaram a ser enchidos com perfumes. A empreitada jornalística contra os jogos continuava. Tentaram mover as autoridades, evocaram os “bons costumes” e até apelaram para as sociedades carnavalescas, que saíssem as ruas todos os dias de carnaval para dificultar o Entrudo. Nada parecia colocar fim aos joguetes.

Aponta ainda Moraes (1987, pg. 38) que em 1889 o desembargador Espínola, então chefe de polícia, lançava uma nova portaria:

A reprovação geral que nos últimos anos tem tido da população da Côrte o pernicioso jogo do entrudo, indica a crer que se ache ele quase proscrito. Não obstante e porque possa acontecer que pessoas menos contidas pretendam pô-lo em prática violando as leis municipais e comprometendo a saúde de terceiros, recomendo que sejam cumpridos com todo rigor o § 2 tit. 8.º seção 2ª do Código de Postura, bem como a posterior postura de 9 de Março de 1857.

Apesar de todas as normas, portarias e editais, o Entrudo continuou imperando e se manteve nos anos de 1893, 94, 95, 1900, 1903, em diante como uma manifestação aprazerada dos dias gordos.

Em 1904 o renomado Prefeito Pereira Passos já tinha executado algumas grandes obras na cidade e estava em andamento a construção da Avenida Central, que é considerado o grande marco de sua administração. As influências estrangeiras, novos comportamentos e aspirações por recentes e luxuosos produtos, além do desejo de modernização estavam impregnando as classes superiores da época (MORAES, 1987 pag. 42) O Entrudo, gozando ainda de audiência e somado a ineficiência dos editais e portarias que não conseguiram encerrá-lo, obrigou Pereira Passos, em pessoa, a emitir um apelo aos instrutores de estabelecimentos de instrução superior e secundária para que os jovens se distanciassem das brincadeiras. (MORAES, 1987 pag. 42) Contam os registros, apresentados por (MORAES, 1987 pag. 39 e 41) que, espantosamente, em 1904 não ocorreu o Entrudo na capital. Mas ressuscitou 1904, 1907, com todas as proibições. Chama a atenção que o Grande Carnaval, patrocinado pelas elites, já estava a todo vapor com os préstitos, corsos e bailes, mas o Entrudo, mesmo desvanecendo gradualmente, ainda permaneceu por um bom tempo. A principal explicação que podemos apontar se deve aos custos baixos da brincadeira, que faziam do Entrudo algo extremamente democrático e social, mesmo com todas as proibições. Havia uma diferenciação socioeconômica dos grupos que brincavam entre si, mas todos se divertiam dentro de suas castas.

Grande Carnaval ou Carnaval de Veneza, como foram chamados, pela sociedade da época, os grandes bailes e os sofisticados desfiles em carros abertos, apontavam, assim como em Portugal, para uma elitização do Carnaval. As entradas dos clubes e teatros, onde aconteciam os eventos, tornaram-se cada vez mais caras. A moda aperfeiçoava-se de tal modo que muitas casas já serviam ceias e vendiam outros produtos. As fantasias se tornaram um importante comércio na cidade e suas vendas, assim como das caixas de confetes e serpentinas, eram muito caras. Tudo envolvia recursos financeiros e definitivamente não seriam as classes mais empobrecidas, principalmente dos escravos, que iriam frequentar esses ambientes. O reinado dos bailes foi de 1840 até o início do século XX, quando surge com força o Carnaval Popular, começando a ocupar importantes vias com os seus desfiles de blocos e com as escolas de samba. Mesmo os bailes estando sobre a tutela da alta classe, dos “cidadãos de bens”, existia a presença frequente da polícia nos eventos coibindo “excessos”. Durante o século XIX, havia a presença do delegado em pessoa nos festejos, que permanecia coibindo qualquer intercorrência que extrapolasse, em seu entendimento, seja o limite de horário, que nunca ia até aurora, os fumos, os cigarros e até as gritarias. Já no século XX, nos 80, a polícia ainda agia nos bailes de carnaval, perseguindo o topless.

O Pequeno Carnaval, popular, se fortalecia e se expandia. Começou, por volta de 1910, organizado por pequenos grupos que faziam desfiles esporádicos, em geral, os desfiles, formavam-se para a comemoração e desapareciam em seguida. Esses grupos, na região central da cidade foram ganhando corpo e estabilidade até se tornarem os ranchos, cuja denominação significa tropa na língua Portuguesa. Eram tropas de operários, pequenos funcionários, e modestos comerciantes. Como o Carnaval já se encontrava oficializado, foi dado o direito de esses grupos desfilar por conta das suas condutas, afinal, não eram subempregados e nem marginalizados, como os habitantes das favelas. De todo modo, aquela realidade já configurava uma grande vitória das etnias africanas, pois boa parte daqueles foliões eram descendente dessas matrizes. Os ranchos ganharam muito destaque por serem populares, por permitirem que as classes inferiores pudessem pular o Carnaval e, por outro lado, foram originais em termos de estilo musical próprio, de organização nos desfiles, entre outras características. As ruas começavam a ser ocupadas e as favelas não ficariam de fora. Em primeiro lugar, os blocos, no início do século XX, e mesmo antes disso, no final do século XVIII, já desfilavam pelos bairros pobres. Existem registros dos Cordões na Mangueira, que posteriormente viraram os blocos que originaram a escola de samba. Esses cordões tinham a reputação de serem violentos, pois se encontravam com outros ocorrendo verdadeiras batalhas

de “índios”. Eram tão rudimentares que até animais exóticos eram levados com os borguistas (QUEIROZ, 1992 pag. 56 e 57).

Na década de cinquenta, as escolas de samba, oficializadas como grêmios recreativos, já substituíam por completo os clubes burgueses. Os negros e mestiços estavam virando o jogo e impondo o Carnaval Popular. Eles, que ficaram “presos” dentro dos barracos ou nos guetos, trabalhando seus festejos de forma clandestina, que estiveram presentes sustentando o Entrudo até as mudanças estruturais, desenvolveram seus métodos de sobrevivência e modernização para o Carnaval. Foi basicamente um milagre que acontecia na cultura da cidade, algo monumental ia dar uma vida plena e longa para os festejos carnavalescos. Por conta da presença dos negros, diversas variações musicais e de comportamentos, do carnaval das escolas de samba até os blocos sujos, não oficiais, se consolidariam. Na imagem abaixo, um registro dos antigos cordões desfilando. (figura 3)

Figura 3 - Antigos cordões desfilando.



Fonte: Crônicas de João do Rio.

Na Europa, onde as classes populares não conseguiram se impor, o Carnaval foi enfraquecendo e acabando, demonstrando que os princípios da festa, que vêm desde antes da antiguidade, de milhares de anos, estão conectados com o povo. Seria uma injustiça não apontar as contribuições das sociedades carnavalescas, que deixaram uma herança para as

escolas de samba, de muitos valores que foram reproduzidos, mas definitivamente o reinado dos Dias Gordos havia sido passado adiante.

Na atualidade, é possível expor com detalhes as importantes marcas dos festejos passados que permeiam o Carnaval atual do Rio de Janeiro, principalmente nos blocos não oficiais. Não apenas os folguedos se encontram fortalecidos, como sucessivamente impõem fortes derrotas ao poder público. O Carnaval Popular festeja em lugar superior, muito acima de licenças e alvarás.

2 ABRE ALAS PARA O CORDÃO DO BOI TOLO

Neste capítulo trataremos da criação do Cordão do Boi Tolo e toda sua relação, desde o seu nascimento com a ocupação das ruas. A construção dessa parte do trabalho se concretizou através da vivência do seu autor com o bloco, por ser integrante e um dos organizadores, além de depoimentos dados por outros integrantes e conversas com frequentadores dos eventos do Boi Tolo. Os relatos apresentados pelo Luis Otávio, Jorge Leal e Eduardo Pereira, fundadores do bloco, foram fundamentais na construção dessas narrativas, além de pesquisas em redes sociais e em matérias jornalísticas.

No subcapítulo 2.1 o nascimento do bloco, sua inerente ligação com as ruas e seu fortalecimento. No subcapítulo 2.2 apresentaremos a Desliga dos Blocos e toda as lutas pela permanência dos desfiles do Boi Tolo na cidade, além de suas concepções de carnaval livre.

2.1 O nascimento e os primeiros passos do Boi Tolo

No capítulo anterior, apresentamos um pouco da história do carnaval. De tempos muito antigos até os dias atuais diversas características carnavalescas se mantêm como elementos das lutas de classes de uma forma mais geral, da sua força cultural e social ou como partículas de resistências. A elitização dos festejos, segregando a maioria da população, não impossibilitou que os princípios momescos perdurassem por centenas de anos, compreendendo que muitas lutas ocorreram para essa permanência. Como idealização, a ideia de que o carnaval se reinventa porque ele é marcado pela confraternização e por sentimentos profundos de solidariedade, em que a manifestação da brincadeira deve estar ao alcance de todos, sem nenhuma distinção.

A facilidade da comunhão em torno dos folguedos acaba se dando em primeiro lugar pela natureza humana de sociabilização, que através dos espaços coletivos comuns, principalmente os públicos, cria relações de afetividade entre as pessoas e os diferentes locais. Soma-se a isso a criatividade musical que nasce dentro dos setores populares, também de forma coletiva, tanto na composição de novos ritmos e músicas, como na criação e transformação de instrumentos musicais e alegorias. Por fim, os elementos de resistência,

principalmente os desencadeados por revoltas e indignações, frente aos cerceamentos das liberdades comportamentais, acabaram possibilitando não apenas a sobrevivência de um carnaval popular, mas também a criação de diversas formas diferentes de se vivenciar essa festa, que continua a sofrer modificações. Os blocos livres, que começaram a ganhar forças novamente no início dos anos 2000, ressurgiram a partir do entendimento que os blocos não deveriam ser tão burocráticos e tão formais em suas organizações. Reocupando espaços públicos que se encontravam descuidados em décadas de abandono ou objetos de especulações imobiliárias, como a Região do Porto Maravilha, foram se multiplicando e se consolidando culturalmente em diferentes espaços da cidade, como o Cordão do Boi Tolo na rua do Mercado, no Centro do Rio de Janeiro.

Na manhã ensolarada de 26 de fevereiro de 2006, diversos foliões chegavam na Praça XV para acompanhar mais um cortejo oficial do Cordão do Boitatá, bloco de carnaval muito disputado por sua figuração artística, festiva e musical. Para a decepção de todos esses farristas, diferente do que apontavam todos os guias de carnaval, o cordão havia mudado seu desfile para o dia posterior ao combinado, sem ampla divulgação. Tratava-se de uma manobra precipitada; uma tentativa de diminuir o número de participantes no seu desfile oficial. Mensagens com novas orientações acerca do desfile circularam por e-mail, através de listas fechadas, no entanto, os contatos restritos e o tempo curto de divulgação não permitiram a ciência de todos os foliões. Em 2006, a cidade vivia o apogeu dos blocos de rua e a centralidade das manifestações carnavalescas de rua se deslocava com intensidade da Região dos Lagos para a Capital. Os blocos, que antes desfilavam com algumas centenas de pessoas pelas ruas, muitas delas históricas, mas estreitas, passaram a atrair um número de foliões que as agremiações não conseguiam mais absorver, nem na sua estrutura, nem nos locais onde desfilavam. Assim como o Cordão do Boitatá, outros blocos também mudaram os seus dias e horários de desfiles sem grandes comunicados, o que gerou uma grande onda de críticas a essas atitudes, tidas como individualistas, elitizadas e destacadas do interesse público.

Naquele domingo de Carnaval, os foliões que chegaram à Praça XV, no Centro do Rio de Janeiro, ficaram, em um primeiro momento, decepcionados e revoltados ao não encontrarem as alegorias e adereços do Boitatá. Algumas pessoas, inclusive, traziam instrumentos para se somarem ao corpo musical do bloco. Num segundo momento, no entanto, começou um movimento de supressão do vazio e organização de um festejo. Um ambulante apresentou um pandeiro, um outro folião um reco reco. Alguns farristas ligavam para músicos e amigos, na tentativa de trazerem instrumentos, e desta forma, já começava uma batucada. Em um determinado momento apareceu um trompetista “solitário”, e com esse

conjunto se formou o bloco. O nome veio de uma cineasta, que pegou um papelão e escreveu com batom “Cordão do Boi Tolo” em alusão à situação que vivenciavam por consequência do bloco faltoso. Um outro cartaz de papelão foi amarrado num tridente de fantasia de diabo, tornando-se assim um estandarte improvisado. Nesse cartaz lia-se Cordão dos Boicotá, que apesar de representar o descontentamento daqueles foliões, não se consolidou como alcunha do bloco que surgia. O nome Boi Tolo foi escolhido pela maioria dos farristas, de forma democrática. Os foliões cantaram o nome do bloco durante todo o desfile, como quem evoca uma palavra de ordem. Essa identificação e sensação de pertencimento mostrou destacada relevância, haja visto que não é comum que os foliões do carnaval de rua entoem, de forma uníssona, o nome do bloco no qual estão desfilando. Todos os desfiles posteriores do Cordão do Boi Tolo passaram a ter essa manifestação observada, como uma exaltação às práticas socioespaciais de apropriação do bloco com os espaços públicos.

Figura 4 - Primeira notícia sobre o Boi Tolo.



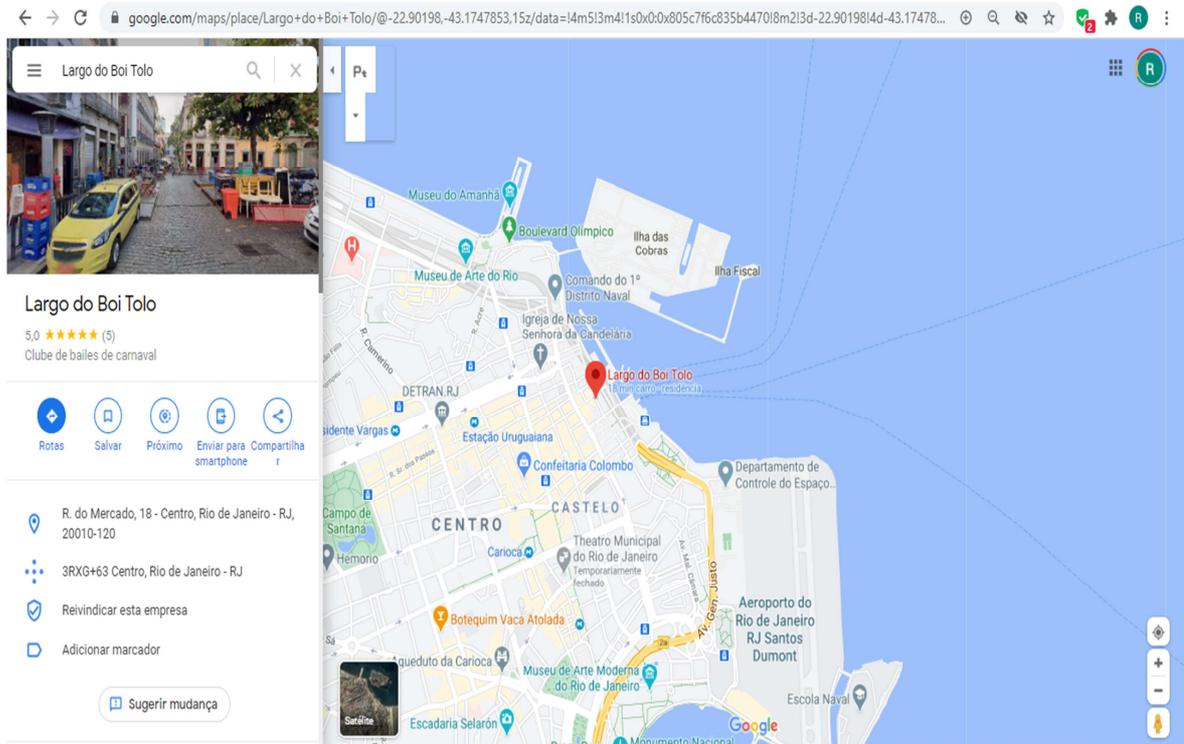
Fonte: Jornal do Brasil (27/02/2006)

O Jornal do Brasil do Brasil, do dia 27 de fevereiro de 2006, trazia o que seria a primeira notícia sobre o novo cordão que nascia na cidade (figura 4). Destacava a matéria a questão do “bolo” que os foliões receberam nesse domingo de carnaval: “Depois do bolo categórico do Cordão do Boitatá, que não apareceu ontem e nem deu satisfações

convincentes, um grupo de entusiastas improvisou um dos blocos mais animados do domingo de carnaval”.

A relação entre o “Cordão do Boi Tolo” e o “Cordão do Boitatá” ainda gera muitas dúvidas e incompreensões, como se um bloco fosse uma dissidência do outro. As práticas socioespaciais dos dois blocos possuem muitas semelhanças entre si, afinal os mesmos sujeitos que frequentavam como foliões o “Boitatá” fundaram o “Boi Tolo”. Cabe salientar, porém, que aqueles que deram origem ao “Boi Tolo” não pertenciam à organização do “Boitatá”, afinal, ninguém presente, naquele domingo, sabia da mudança do desfile. O “Boi Tolo”, em certa medida, herda do “Boitatá” uma estética específica, em termos de musicalidade, das marchinhas, das fantasias coloridas e da fanfarra. Não existe uma relação conflituosa entre os blocos, inclusive tanto o Cordão do Boitatá como o Boi Tolo além de surgirem na mesma localidade, mantém tradicionalmente eventos constantes nas imediações da Praça XV. A vinculação de localidade com a Rua do Mercado, onde os dois blocos surgiram, é de muita afetividade, fazendo com que a esquina da Rua do Ouvidor com a Rua do Mercado seja carinhosamente, e até formalmente, embora de forma extra oficial, chamada de “Largo do Boi Tolo”, como aparece no aplicativo de localização por GPS, Google Maps (figura 5). Um lugar ocupado frequentemente pelo Boi Tolo através da realização de vários festejos como ensaios, rodas de samba, festas juninas, entre outros eventos. A identificação é tão grande, que quando o primeiro estandarte foi aposentado, os integrantes do bloco desejaram que ficasse à vista das pessoas. Assim, foi negociado com um bar da localidade a permanência do estandarte no salão do estabelecimento, à vista de todos. Existe uma reprodução social no “Largo do Boi Tolo”, um lugar com características de relações simbólicas de poder muito importantes. O fato de os eventos serem todos sem formalização e autorização, por parte do poder público, atrai uma multidão de pessoas que incorporam para si essa prática social, vista como libertadora. Ter o nome do bloco associado à localidade, e ter ainda o estandarte presente e exposto em um bar conhecido, demonstra uma ocupação simbólica de sentimentos de resistência e afetividade com o referido espaço público. Segundo Serpa (2007), o lugar pode ser considerado como o mais preciso culturalmente, porque focaliza espaço e paisagem entorno das intenções e das exposições humanas. Ainda para Tuan (1983), espaço se torna lugar na medida em que é experienciado e valorizado, que tem significação para pessoa, lugar é mais concreto que espaço.

Figura 5 - Localização do Largo do Boi Tolo no Google Maps



Fonte: Google Maps

Figura 6 - Estandarte fixo no bar Kamikaze.



Fonte: Luís Otávio, 2016.

Figura 7 - Instalação da placa em 28/02/2016.



Fonte: Acervo do autor.

A partir do primeiro desfile, improvisado e espontâneo, em 2006, as pessoas que ali estiveram tinham o desejo que aquilo continuasse. Alguns fundadores apontam que o bloco se firmou, possivelmente, graças ao advento da internet e das redes sociais, pois antes da existência dessas tecnologias de comunicações, muitas manifestações acabavam pela falta de relação entre as próprias pessoas, que se reuniam de forma espontânea e rapidamente se

dispersavam. Com o Orkut, no final do primeiro dia de desfile já haviam cinco comunidades com referências ao Boi Tolo, o que posteriormente acabaram sendo centralizadas em apenas uma. Nos dois primeiros anos do bloco, o desejo dos organizadores era que o bloco sobrevivesse e continuasse, pois existia um sentimento de que as pessoas poderiam se juntar sem grandes estruturas, de forma espontânea e bonita. E assim o bloco aconteceu em 2007, chegando pela primeira vez a ocupar as escadarias da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Em 2008, o movimento contra a burocratização do carnaval já era bem grande e se consolidava ainda mais. Havia orgulho sobre a construção do festejo que não era para o poder público, mas para o público. O Cordão do Boi Tolo começava fortemente a ser reconhecido como um bloco marcado pela espontaneidade, por conta das mudanças de trajetos que aconteciam sem discussão prévia no decorrer dos desfiles, a ludicidade, por conta do alto número de foliões fantasiados e pela criatividade das fantasias e a liberdade, por todas as desburocratizações e por ser um bloco aberto à participação de músicos, pernas de paus e foliões de um modo geral. O Boi Tolo não possui uma bateria e nem músicos próprios, qualquer pessoa que queira tocar é bem-acolhida pelo bloco. Essa organização é carinhosamente chamada de “boiteria”, pois é uma formação muito atípica num bloco com a dimensão e historicidade como o Boi Tolo.

2.2 O Cordão do Boi Tolo, a Desliga dos Blocos e o direito à cidade

Em 2009, o então prefeito da cidade, Eduardo Paes, cria várias regras e exigências para os desfiles do carnaval de rua, o decreto N° 32664 de 11 de agosto de 2010. Em apenas três anos de existência, os organizadores do Cordão do Boi Tolo se sentiram desafiados a tomarem posições e defenderem a ocupação que faziam dos espaços públicos. A partir desse embate, estratégias espaciais foram elaboradas para preservar as fronteiras do bloco e a sua própria sobrevivência. O Boi Tolo não aceitava ser um bloco como os outros, na palavra de Luís Otávio, um dos fundadores e integrantes do Cordão:

“Em julho de 2009 o prefeito Eduardo Paes cria um decreto onde os blocos teriam que pedir autorização para desfilar no ano de 2010, nesse momento tivemos que pensar mais, não queríamos ser um bloco que preenchesse papéis, iguais aos outros, e muito menos um bloco que lucrasse com essa festa. O Boi Tolo é um bloco que acontece, e assim queríamos que ele permanecesse, livre”. (Luís Otávio, entrevista concedida em 10/01/2020)

Nesse ano de 2009, ocorreu o último desfile do bloco “Se Melhorar Afunda”, que se concentrava na região do Gragoatá, na cidade de Niterói, indo em cortejo até a Praça Arariboia, no Centro da cidade de Niterói, seguindo então para a estação das barcas. Os foliões ocupavam uma embarcação na qual era realizada um grande baile nas águas da Baía de Guanabara, no deslocamento entre as cidades de Niterói e Rio de Janeiro. A empresa que administra esse serviço de transporte desagradou-se dessa ocupação carnavalesca de suas embarcações, e como a cidade começava a sofrer um grande impacto da política da reforma urbana daquela prefeitura, o aumento do cerceamento aos espaços públicos se tornou uma marca daquele governo. O “Se Melhorar Afunda”, proibido de fazer o tipo de festejo que lhe consagrou, mudou as suas estratégias e se tornou um bloco cujo nome é anualmente cambiante, fazendo alusões às situações políticas, sociais e culturais da cidade e do país. O “Bloco Secreto”, como é popularmente chamado, divulga o local do desfile e horário do cortejo muito próximo do horário dos eventos. O “Cordão do Boi Tolo” e o “Bloco Secreto” possuem características similares, o que fez com que integrantes dos dois blocos, ao tomarem conhecimento das exigências formais da prefeitura para a realização dos desfiles, se reunissem, num encontro marcado para o centro da cidade do Rio, para debater as mudanças impostas no carnaval de rua. Dessa reunião, os dois núcleos organizadores dos blocos têm a ideia de fundar a “Desliga dos Blocos”, uma associação comprometida com a liberdade do carnaval de rua (figura 8), sem cerceamentos, burocratizações e lucros. O lançamento da “Desliga” foi designado para a data limite de entrega das exigências feitas pela prefeitura para as autorizações dos desfiles, num evento chamado “Bloqueata da Desliga dos Blocos”(figura 9), que ocorre anualmente, de forma gratuita, realizando a “Abertura do Carnaval Não Oficial”. Harvey, debatendo o espaço de comunização, de interesses comuns e de construção de identidades próprias aponta que

o princípio de que a relação entre o grupo social e o aspecto do ambiente tratado como um comum será tanto coletiva quanto não mercantilizada – para além dos limites da lógica das trocas e avaliações de mercado. (HARVEY, 2014,P.145)

Figura 8 - Abertura do Carnaval não oficial (jan/2010).



Foto: Luis Otávio de Almeida.

Figura 9 - Logo da Bloqueata da Desliga dos Blocos.



**1.º Bailão Pró Carnavalesco da
Cidade do Rio de Janeiro**

**30 de agosto de 2009, às 14h
Praça XV - Rio de Janeiro**

Fonte: Desliga dos Blocos

Em 2010 a “Desliga dos Blocos”, já mais fortalecida por ter conseguido aglutinar mais setores e mobilização, reafirma a liberdade do carnaval de rua e a ocupação dos espaços públicos ao lançar palavras de ordem, que foram gradualmente incorporadas nos desfiles dos blocos não oficiais e em manifestações críticas aos governos tidos como ameaças à liberdade e à democracia. De forma similar, em repúdio contra censuras e violências de agentes de

segurança pública em desfiles carnavalescos. A mensagem “Liberdade, Folia e Luta” (figura 10) passou a se tornar parte do programa da “Desliga dos Blocos” e do “Cordão do Boi Tolo”, estando presente em todas as aberturas anuais e em diferentes desfiles do bloco. Ainda nesse ano, reafirmando os seus compromissos de luta e manifestando uma posição crítica ao cerceamento das liberdades carnavalescas, é lançado um manifesto intitulado “Manifesto Momesco”:

Manifesto Momesco

O carnaval de rua é festa do povo. É feito pelo povo e para o povo. Manifestação de espontaneidade, criatividade genuína e espírito livre. Nos dias de folia devemos respeito à Sua Majestade, o Momo. Não ao personagem raquítico que ultimamente tenta nos ensinar a brincar, como se ele próprio soubesse, mas ao mitológico, roliço, guloso, amante dos prazeres da carne e da alma, àquele que nos mostra que, ao contrário do que muitos pensam, no carnaval é quando se tiram as máscaras. Assim, há uma troca de ordem. Sai de cena a ordem careta, elitista e monetarizada e, em seu lugar, entra a ordem de Momo e a ordem do Rei é sambar quatro dias sem parar.

A praça é do povo como o céu é do condor, já dizia Castro Alves. Depois de muitos anos de ditadura, nossos representantes garantiram na Constituição brasileira o direito à livre expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença, e de reunirmo-nos pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização.

Os blocos de carnaval são a cara do Rio. Existem blocos grandes, que arrastam multidões, existem os pequenos blocos e existem aqueles que se formam espontaneamente, no encontrar de pessoas nos dias de folia. Além do tamanho, suas distintas características tornam o carnaval do Rio um dos mais ricos em diversidade cultural.

O decreto 32664 da Prefeitura aprofunda o ataque à liberdade criativa e à espontaneidade do carnaval do Rio e o processo de "bahianização" da festa, ao obrigar os blocos a pedir autorizações com seis meses de antecedência e a cumprir inúmeras exigências, que arripiariam até mesmo uma empresa estabelecida, ainda mais os pequenos blocos. A essência está sendo sufocada pelo dinheiro.

Manifestamos aqui que não reconhecemos esse decreto que, além de tratar desiguais como iguais, fere a Constituição e a tradição e cultura do povo carioca.

Desliga dos Blocos do Rio de Janeiro

Figura 10 - Lema Liberdade, Folia e Luta.



Fonte: Acervo do autor.

. Entre as exigências absurdas da Prefeitura, no decreto de 2010, se destacavam imposições penosas de obrigações para autorizações dos desfiles, tempo de duração máxima de quatro horas para os cortejos, entre outras ordens. Posteriormente, outros decretos foram publicados criando ainda mais determinações para os desfiles, o que acabou impossibilitando ou encarecendo os desfiles oficiais. Já, os blocos livres, vão se fortalecendo a cada ano com o crescimento numérico de foliões em seus desfiles, com a criação de novos grupos e oficinas de instrumentos de percussão e sopro, e, ainda promovendo outros eventos, fora do período de carnaval, como festas juninas e rodas de samba. Com isso, a Desliga dos Blocos não luta mais apenas pelo direito dos blocos pequenos desfilarem, mas também pelos próprios blocos livres, que cresceram e se tornaram uma referência do carnaval na cidade, de desfilarem sem nenhuma amarra.

Em 2012 mais um manifesto é lançado nas redes sociais, através dos perfis dos blocos e associações, reafirmando o compromisso da Desliga dos Blocos em lutar em defesa do carnaval livre e gratuito. Dizia o manifesto:

Manifesto do Carnaval de Rua Carioca – 2012

A retomada do carnaval de rua do Rio de Janeiro é um processo histórico e singular. Alguns se lembram das pequenas aglomerações que começaram a ressurgir no final do século passado, em diversos lugares da cidade, relembrando marchinhas, apresentando a própria noção de carnaval para uma nova geração. Esse momento foi mais que a retomada do carnaval, ele foi o momento da retomada da rua, de uma rua que andava há muito esquecida. Sem nenhum esforço do poder público, sem o patrocínio de uma marca de cerveja, sem qualquer cobertura da TV, espontânea e coletivamente a multidão tomou à força o que já lhe pertencia: nosso espaço comum.

Nos últimos anos, o crescimento exponencial do número de blocos e de foliões traz uma série de dúvidas em relação ao nosso carnaval. Primeiro, porque certos blocos começaram a ficar superlotados, impedindo algumas pessoas de se divertirem. Segundo, porque o Estado e o mercado perceberam o que lhes era óbvio: um precisa controlar a multidão que toma as ruas e o outro precisa usá-la para ganhar dinheiro, através do choque de ordem e da publicidade abusiva que invade nossas ruas.

Temos pela frente um desafio histórico de lidar com esse dilema entre o crescimento e a espontaneidade sem qualquer tipo de nostalgia ou de elitismo. Criar nossas táticas é manter o carnaval vivo. E isso não significa recusar as massas, mas transformá-las em agente que toma as ruas de maneira múltipla e criativa.

Já há sinais dessa criatividade infinita que se esparrama pelas esquinas da cidade. Em 2006, um grupo de foliões acordou cedo para pular o carnaval e se viu enganado: o bloco em que iam tinha mudado de horário propositadamente para que menos pessoas o acompanhassem. Em vez de voltarem pra casa, eles criaram outro bloco, ali, na mesma hora. Chegou um bumbo, chegou um trompete. A festa começou e dura até hoje. A cidade estava aberta e foi ocupada. Essa experiência é a faísca.

Devemos ser agentes, criando novos caminhos que se bifurcam, inventando o que não foi inventado, criando novas identidades e negando as imposições arbitrárias ou as tentativas de privatização do espaço público. Devemos ficar na rua o tempo todo, livres, cantando e dançando, sem parar. Para isso, é preciso ocupar áreas esvaziadas e subutilizadas durante o carnaval e também recusar o modelo empresarial da Prefeitura, apoiado por associações e blocos dependentes do poder público e do seu projeto de mercantilização da folia. A maior festa carioca deve ser livre, independente e realizada com a disposição dos foliões, pois somos um grupo de pessoas cantando e dançando a felicidade nas ruas.

O carnaval é e sempre será um ato político. É a incorporação da arte no cotidiano. Lutar para preservar sua potência é lutar por uma rua que nos é sempre tirada. Avancemos foliões! Viva o carnaval, viva o Zé Pereira e o Saci Pererê. Viva o sorriso doce dos que desobedecem. Em tempos de tanques nas ruas, não retrocedamos, com a certeza de que um dia o exército de palhaços vencerá!

Desliga dos Blocos do Rio de Janeiro, 2012.

Uma grande vitória, que veio desse processo e com as pressões exercidas pelos movimentos do carnaval livre, foi a proibição, por decreto municipal, de cordas comerciais nos desfiles carnavalescos da cidade. É importante mencionar os posicionamentos de outro movimento, intitulado “Ocupa Carnaval”, que também vem se posicionando de forma progressista em diversas pautas políticas e atuando junto com a Desliga dos Blocos em algumas ações, como elaborações de manifestos e protestos. O decreto Nº36760 de 05 de fevereiro de 2013 estabelece que “fica proibida, na Cidade do Rio de Janeiro, a delimitação de espaços, por meio de cordas e/ou seguranças (“áreas privadas”), pagos ou não, nos desfiles de blocos ou bandas de rua e nos ensaios carnavalescos de rua”. Sabemos que muitos blocos comerciais burlam essas normas criando, inclusive, camarotes móveis, que ficam instalados em gigantescos trios elétricos, mas a resistência dos foliões, apoiados na tradição do carnaval de rua e com referências nos blocos alternativos tem impedido que o Rio siga o modelo do carnaval de Salvador. São, de certa forma, “impeditivos” importantes para proteger este lugar comum dos blocos alternativos, pois, como coloca Harvey (2014, p.140) “a produção e o cercamento de espaços não mercantilizados em um mundo implacavelmente mercantilizador é seguramente algo positivo”. Aqui, podemos conceber as conquistas de normas jurídicas e legislativas como uma importante vantagem e exemplo desse cercamento protetivo. Uma luta que tem avanços e retrocessos, bastante conjuntural, medida pela intensidade que os blocos conseguem se impor na cidade e, por outro lado, as imposições dos interesses do mercado, que quanto mais se tornam antagônicos, maior número de choques ocorrem. Ainda Harvey (2014, p.144) “a luta para apropriar os espaços e bens públicos urbanos tendo em vista um objetivo comum está em curso”. As correlações de forças também se medem com a

participação de outros setores da sociedade nessas lutas, que dão forças para as demandas e reivindicações dos blocos, como jornais impressos e virtuais críticos, políticos de partidos políticos, mais precisamente os de orientação marxista, movimentos de luta urbana, entre outros que eventualmente se manifestam em defesa da ocupação livre dos espaços urbanos.

Em mais uma abertura do carnaval não oficial, no ano de 2020, por conta das posições religiosas do então prefeito Marcelo Crivella e sua aparente rejeição aos festejos carnavalescos, há mais um manifesto reafirmando a liberdade das festas. Nessa última “bloqueata” estiveram presentes no evento, que ocupou a região da Praça XV e suas proximidades, no Centro do Rio de Janeiro, os seguintes blocos: “Vem cá minha flor”, “Bloconcé”, “Fanfarrinha” (infantil), “Calcinhas Bélicas”, “Bloco das Fridas”, “Cordão da Bola Laranja”, “Filhotes Famintos”, “Mulheres Rodadas”, “Lambabloco”, “Planta na Mente”, “Me Enterra na Quarta” e “Os Biquinis de Ogodô”. Ao final de cada desfile, todos os blocos se encontraram na Praça XV para o desfile do “Cordão do Boi Tolo”

Muitos blocos oficiais e livres possuem características comuns, que atraem tanto para um, quanto para o outro, milhares de foliões que se sentem contemplados nos seus desejos e expectativas. As grandes diferenças estão em aceitar ou não uma pasteurização que vem sendo forjada sucessivamente no Rio de Janeiro, por governos das esferas municipal e estadual, mas principalmente na administração pública municipal, através de portarias, decretos e legislações que cada vez mais impõem amarras ao carnaval de rua, gerando uma crescente insatisfação na maioria dos blocos, até mesmo os oficiais. Um processo que se encaixa num modelo de cidade rentista, padronizada e utilitarista ao capital privado, onde elementos subjetivos, de identidades culturais, do carnaval de rua, acabam por se tornar um empecilho ao controle de comportamentos sociais.

É necessário, não apenas o domínio territorial pelos grandes investidores, mas de todas as manifestações que possam colocar em xeque a credibilidade e a força de certos padrões de consumo e de condutas. Segundo Vainer (2011, p. 6) “na cidade não há lugar para ideologias, nem políticas, há apenas interesses. Na verdade, há apenas um único, verdadeiro, legítimo interesse: a produtividade e a competitividade urbanas”. Nesse sentido, os elementos ideológicos e de propaganda infligem diretamente no carnaval, onde a cidade se massifica num enorme mercado consumidor de atrativos e, principalmente, de produtos alimentícios e de bebidas. Observamos, assim, propagandas oficiais, com a chancela da Prefeitura, em todos os blocos oficiais da cidade, numa demonstração incontestável da orientação do nosso maior evento cultural para os interesses do mercado.

Como aponta Lefebvre (2015, p.69):

É assim que a publicidade para os bens de consumo se torna no principal bem de consumo; ela tende a incorporar a arte, a literatura, a poesia, e a suplantá-las ao utilizá-las como retóricas. Torna-se assim a própria ideologia dessa sociedade, cada “objeto”, cada “bem” se desdobra numa realidade e numa imagem, fazendo esta parte essencial do consumo. Consome-se tanto signos quantos objetos: signos da felicidade, da satisfação, do poder, da riqueza, da ciência, da técnica, etc. a produção desses signos se integra na produção global e desempenha um papel integrador fundamental em relação às outras atividades sociais produtivas ou organizadoras.

Infelizmente, mesmo com uma ampla insatisfação, os blocos oficiais permanecem sob a guarda do poder público, pela dependência de verbas públicas e patrocínios privados. Organizados em associações carnavalescas, acabam tendo seus desfiles subjugados às normas da Prefeitura, que acaba enquadrando-os aos seus interesses, principalmente de imposição do marketing privado nos desfiles. Podemos citar, como exemplos de normatizações que interferem no carnaval de rua, o último decreto do ex-prefeito Marcelo Crivella, de 12 de janeiro de 2018 que

Institui a Macrofunção Carnaval Mais Legal, para fins do amplo disciplinamento das atividades desenvolvidas no Carnaval e do licenciamento de atividades econômicas em área pública e eventos de Carnaval de Rua no Município do Rio de Janeiro, e dá outras providências.

É importante, em primeiro lugar, assinalar que o antigo prefeito, evangélico, pertence à Igreja Universal, esteve como bispo licenciado para a ocupação do cargo público. Além da Igreja se colocar historicamente e incessantemente contra vários elementos do carnaval, o próprio prefeito tem atuado para o enfraquecimento da festa, se utilizando do aparato público. Essa própria portaria se soma como mais uma iniciativa de tantas outras que já vem sendo tomadas. Um decreto que trata o carnaval de rua como importância da esfera privada e que protege os investidores e patrocinadores oficiais de qualquer prejuízo, como apontam diversos tópicos da justificativa que compõe o texto do decreto, dos quais podemos citar as seguintes passagens: “prevenir possíveis prejuízos aos patrocinadores, de modo que se valorize o suporte financeiro que estes proporcionam para o custeio da infraestrutura geral do carnaval de rua no interesse da coletividade”. E ainda, “possibilidade de ocorrência, durante o período do Carnaval, de práticas comerciais, ações promocionais e publicitárias irregulares, não autorizadas pelo Poder Público, trazendo insegurança jurídica para os patrocinadores oficiais do Carnaval carioca”. O decreto expande o reconhecimento do carnaval de rua também aos blocos “voluntários, não ordenados, sem fins lucrativos e de caráter festivo”, o que de certa forma acaba por enquadrar os blocos alternativos, mas ao mesmo tempo autoriza o uso de publicidade e cede a autorização do comércio ambulante aos patrocinadores oficiais do evento, mantendo o monopólio de venda de uma marca de cerveja. Nesse sentido, temos uma

apropriação fortíssima do carnaval de rua, oficial ou não, que acaba sendo ofertado para a publicidade do capital privado, além da imposição do monopólio de venda de produtos, no caso a cerveja, que obriga os foliões a se submeterem a uma prática pela qual demonstram rechaço. Para Pires (2015, p. 290) “a desregulamentação e a liberação dos mercados formam parte do conjunto de medidas neoliberais globalizantes”. Sendo assim, como resposta, tem sido recorrente a proteção dos blocos alternativos aos ambulantes, principalmente os que vendem as marcas de cervejas que agradam ao público e não só uma marca parceira da prefeitura.

Uma tentativa de cerceamento dessas liberdades de manifestações tem partido de iniciativas sucessivas de diferentes governos e representações políticas, como foi com o deputado estadual, Flávio Bolsonaro, reconhecido pelas suas posturas ultraconservadoras, de tentar revogar o decreto Nº 45.551/2016, de 25 de janeiro de 2016, de autoria do governador Luiz Fernando de Souza, o “Pezão”, que flexibiliza a necessidade de autorização do corpo de bombeiros, da polícia militar e polícia civil para a realização de desfiles. Como principal argumento diz que “a “flexibilização” permitida acabou por ensejar a possibilidade de que eventos que reuniram milhares de pessoas tenham ocorrido sem qualquer conhecimento e planejamento prévios de parte das Polícias e Corpo de Bombeiros, obviamente com grande risco para participantes, transeuntes e moradores das áreas envolvidas”. Com isso, tenta retroceder ao decreto anterior, já revogado, que trata os desfiles de bloco de carnaval como de interesse das forças de segurança e controle policial. Em outra parte do texto afirma que “com a liberação foi o Executivo fluminense na contramão dos interesses da sociedade, trazendo descontrole para a organização de evento tão caro para a cultura do povo fluminense e para a atividade turística no Estado”. A cultura do carnaval é completamente antagônica a uma proposta que cria mais amarras e controles para a festa, principalmente envolvendo forças policiais e militares, o que só é aceitável nos blocos através das fantasias. Um contrassenso, ademais, apontar a organização dos blocos como um possível inconveniente ao turismo, dado que um número expressivo dos participantes dos blocos, principalmente os alternativos, é de turistas de outros estados e de outros países, que viajam todos os anos ao Rio de Janeiro para desfilarem no carnaval de rua.

Podemos certificar que os blocos livres, em mais de dez anos, têm sido responsáveis e, muitas vezes, protagonistas, na luta pelo direito à ocupação do espaço público pelo cidadão, de forma autônoma, artística, espontânea e livre, o que tem possibilitado a construção de uma consciência coletiva de utilização da cidade, mesmo estando focado apenas no carnaval, pois os problemas políticos, econômicos e sociais, acabam similarmente se manifestando em todas

as esferas da sociedade. Nesse sentido, podemos dizer que temos, de forma recorrente, a presença dos “foliões ativistas” ou “foliões cidadãos”, com consciência social, ambiental e política.

As aberturas anuais do carnaval não oficial e, de um modo geral, os desfiles do “Cordão do Boi Tolo” sofrem, costumeiramente, algum tipo de coibição, seja por parte das forças de segurança ou de órgãos governamentais, que sempre colocam empencilhos para os desfiles que não estão nos roteiros oficiais, seja o pedido de autorizações ou até tentativas de impedir de forma ineficaz a saída dos foliões. Mas nada foi tão notório quanto o desfile do “Boi Tolo”, na abertura do Carnaval não oficial, do ano de 2016. No dia 3 de Janeiro, após se dirigirem em cortejo da Praça XV até a Praça da Cinelândia, no Centro da Cidade, os foliões iniciaram um baile nos arredores da escadaria. Os agentes da Guarda Municipal reprimiam ambulantes que vendiam bebidas no meio do bloco. Ao se colocarem na defesa desses trabalhadores, os foliões também sofreram repressão dos agentes com bombas de efeito moral e de gás lacrimogêneo. Muitas pessoas ficaram feridas, duas detidas e o bloco dispersou. (figuras 11 e 12)

De acordo com Harvey (2014, p. 279)

E, por fim, recorre ao monopólio da violência que todos os Estados soberanos reivindicam para excluir o público de muito daquilo que se apresenta enganosamente como espaço público e para acossar, manter sob vigilância e, se necessário, criminalizar e encarcerar todos os que não se submetem irrestritamente a seus ditames. Eles se superam nas práticas de tolerância repressiva que perpetuam a ilusão de liberdade de expressão, na medida em que ela não exponha cruamente a verdadeira natureza de seu projeto e o aparato repressivo em que se apoia.

Figura 11 - Homens da Guarda Municipal barram acesso de foliões às escadarias da Câmara dos Vereadores.



Fonte: Gabriel Barreira/G1 (03/01/2016).

Figura 12 - Homens da Guarda Municipal barram acesso de foliões às escadarias da Câmara dos Vereadores.



Fonte: Gabriel Barreira/G1 (03/01/2016).

Como resposta ao episódio, a Desliga dos Blocos convocou diversos blocos e fanfarras de carnaval para um grande “Blocato” em repúdio à violência da Guarda Municipal. O ato não se aplicava apenas aos foliões, como também aos trabalhadores informais, aqueles que mais sofrem com as repressões cotidianas desses agentes. O evento foi organizado previamente para o dia 14 de janeiro de 2016 e, no meio desse processo, outro caso de violência envolvendo Guardas Municipais ocorreu em outro bloco, até então não oficial, e sem autorização da Prefeitura: o “Tecnobloco”. No final da madrugada do dia 13 de fevereiro, um sábado, os agentes se dirigiram ao bloco para tentar colocar um término no desfile, com uma ação extremamente violenta, lançando mão do uso de cassetetes, sprays de pimenta e bombas de gás lacrimogêneo, conforme relatado por diversos foliões e testemunhas que estavam no local. Ficou ainda evidenciado pelas marcas da violência em diversas pessoas, tendo havido até mesmo uma pessoa com fraturas nas mãos. Outros atos foram, ainda, sendo convocados e se somando à organização da “Desliga dos Blocos”

Os movimentos sociais, incluindo os de carnaval, possuem uma enorme capacidade de resposta e reação às violências impostas pelo modelo elitista de cidade mercadoria. Em alguns momentos, percebemos que os blocos de carnaval são os que mais se manifestam em relação às questões, não apenas locais, mas também nacionais, como nos episódios de deposição da presidenta Dilma Rousseff, ou contra a figura e atitudes do atual Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

Voltando as agressões por parte da guarda municipal, no dia 14 de janeiro de 2016, chamou a atenção o variado número de estandartes carnavalescos presentes na manifestação (figura13), que contou com músicos e organizadores de diferentes agremiações, além dos

frequentadores dos blocos que vinham protestar contra a violência ocorrida (figura 14). Foi realizado um cortejo nos arredores da Praça da Cinelândia indo em direção aos Arcos da Lapa, onde músicas de protestos foram entoadas contra a violência diária dos agentes.

Figura 13 - Protesto contra a violência da Guarda Municipal.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 14: Luta contra a violência da Guarda Municipal do Rio de Janeiro.



Fonte: Ana Carvalho.

Posteriormente ao ato da Cinelândia, outro ato de maior proporção tomou conta da Região Portuária, local onde ocorreram as agressões aos foliões do “Tecnobloco”. A “Desliga dos Blocos”, entendendo que as agressões não eram isoladas e que partiam de uma ação consciente dos agentes da Prefeitura, começou a fazer diversas exigências, bem como pedidos

de desculpas oficiais. No dia 22 de fevereiro de 2016, centenas de pessoas, com estandartes e faixas com as mais diferentes palavras de ordem contra a prefeitura e reivindicando o direito à cidade caminharam do Largo São Francisco da Prainha em direção à Praça Mauá (figuras 15 e 16). Essa manifestação ficou registrada como o “Bloco dos Machucados”, uma alusão as pessoas que saíram feridas das agressões ocorridas.

Figuras 15 e 16 - Bloco dos Machucados (22/02/2016).



Fonte: Acervo do autor.

A relação do Cordão do Boi Tolo com os espaços públicos é de entendimento que o carnaval é uma festa do povo, libertária, e ter que lutar para ocupar os espaços públicos já aponta uma grande contradição. As diversas regulamentações impostas pelo capital, através das gestões governamentais dos últimos prefeitos, deixam evidente o modelo de cidade partida e vista como uma mercadoria a ser vendida, incluindo os blocos de rua. Qualquer movimentação por fora desse projeto é passível de repressão e criminalização. O “Cordão do Boi Tolo”, ao longo de sua história, conseguiu o feito de ter ocupado de forma lúdica, alegre e, em certas ocasiões, espontâneas, o maior número de espaços da cidade por um bloco de carnaval. Locais que muitas vezes possuem tensionamentos territoriais e que passaram a ser, em determinados momentos, dos foliões, abertos a uma grande festa democrática e gratuita. Espaços esses que acabam conquistados por uma maioria carregada de propósitos e de sentimentos que transbordam a ideia de carnaval pelo carnaval. É uma vontade de ter uma cidade mais plural, acessível, democrática, festiva, coletiva entre outras sensações que pulsam no subjetivo coletivo daquelas pessoas. Com isso, espaços proibidos à circulação de pessoas e acima de tudo para um festejo, passam a ser avenidas e salões do carnaval de rua. Os túneis da cidade (figura 17), os saguões do aeroporto Santos Dumont (figura 18), os pilotis do prédio do antigo Ministério da Educação e Cultura – O Palácio Gustavo Capanema, os jardins e saguão

do Museu de Arte Moderna, o Aterro do Flamengo, o Morro do Livramento, a Ladeira da Misericórdia, as praças, as grandes vias e até o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (figura 19) vivenciaram a passagem do Cordão do Boi Tolo.

Figura 17 - Confraternização no túnel.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 18 - Cordão do Boi Tolo no saguão do Aeroporto Santos Dumond (11/02/2013)



Fonte: Autor desconhecida.

Figura 19 - Cordão do Boi Tolo no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (02/03/2014).



Fonte: Acervo do autor.

3 UM CORDÃO INFINITO DE MUITAS HISTÓRIAS

Neste capítulo encontraremos algumas narrativas que irão proporcionar um maior conhecimento do bloco através de seus desfiles e posicionamentos. Em todas as histórias apresentadas, a temática de ocupação dos espaços públicos estará colocada, em alguma medida, mesmo no período de dois anos sem cortejos por conta da pandemia da Covid19, quando o debate de ocupar ou não às ruas foi travado por todos os blocos de carnaval. O aniversário de 10 anos do Boi Tolo foi marcado pela instalação de uma placa que aponta o “Largo do Boi Tolo”, na rua do Mercado e terminou com um cortejo. Todas as ações do Boi Tolo estão vinculadas a algum tipo de ocupação cultural urbana e, nesse sentido, é fundamental que conheçamos algumas histórias da existência desse bloco para o garantir o conhecimento prático do que ele defende. Cada subcapítulo uma história de vida do bloco e de algumas de suas características que nos permite ter um conhecimento mais geral da funcionalidade do Cordão e a sua prática.

No subcapítulo 3.1 falaremos da interrupção dos desfiles por conta da Covid19 e os posicionamentos públicos do bloco, bem como a defesa do SUS. Na sequência, no subcapítulo 3.2 a ocupação musical do bloco nos espaços públicos, no subcapítulo 4.3 falaremos de grupos de fanfarras e blocos que nasceram a partir dos desfiles do Boi Tolo. No subcapítulo 3.4 a ocupação dos espaços públicos pelo bloco infantil Bezerra Tolinho, criado pelos integrantes do Boi Tolo, em sequência no subcapítulo 3.5 abordamos os variados eventos que o bloco realiza, além dos cortejos. No subcapítulo 3.6 apresentaremos os dez mandamentos do carnaval utilizados para a conscientização dos foliões. Em seguida, no subcapítulo 3.7 as comemorações dos dez anos do bloco. Por fim, no subcapítulo 3.8 trazemos um debate sobre os longos deslocamentos do bloco, que faz com que os foliões criem várias brincadeiras com o fato.

3.1 Quando o boi não saiu por consequência da Covid19

O Boi Tolo já possui 17 anos de idade e os dois únicos anos em que não desfilou foi exatamente no auge da pandemia da Covid19, em 2020 e 2021. Em 2021 quase todos os blocos oficiais e livres optaram por não estar nas ruas e ao mesmo tempo fazerem uma

campanha para que as pessoas se preservassem e ficassem em casa. O Boi Tolo seguiu a ciência e fez publicações nesse sentido, inclusive com uma arte alusiva em defesa do Sistema Único de Saúde, o SUS, o grande responsável em salvar a vida de milhões de pessoas. A Desliga dos Blocos também não fez a abertura do carnaval não oficial nesses dois anos, pelos mesmos motivos, e se espera a próxima abertura para o fim de 2022.

Seguem abaixo as declarações, publicadas nas redes sociais da Desliga e do Boi Tolo:

O Cordão do Boi Tolo, em sua essência, sempre defendeu a livre ocupação dos espaços públicos, garantida pela nossa Constituição. Porém, diante do atual quadro de pandemia de Corona vírus, pedimos a todos os nossos foliões que fiquem em casa. A melhor maneira de passarmos por essa crise é diminuindo a taxa de crescimento do número de contaminados para não sobrecarregar ainda mais nosso sistema de saúde! Se todo mundo ficar doente ao mesmo tempo, os hospitais entrarão em colapso e não conseguirão atender doentes e acidentados em geral!

A melhor forma de prevenirmos esse quadro extremamente grave é através do isolamento social. Então, para aqueles que puderem, pedimos: **FIQUEM EM CASA!** Uma frase vem sendo muito repetida na Europa, e atualmente representa muito esse espírito coletivo que devemos ter:

Aos nossos avós foi pedido que fossem à guerra. A vocês é pedido que fiquem no sofá.

Vamos pensar nos idosos e pessoas com imunidade mais frágil! Vamos pensar no próximo!

Saudações boitolinas (desta vez não das ruas, mas do estábulo). Muuuuuuu.

(Boi Tolo, 16 de Março de 2020)

Na mesma proposta, a declaração publicada, nas redes da Desliga dos Blocos, no ano seguinte, ainda com a preocupação do controle da pandemia e o aumento da vacinação:

Carnaval Livre em tempos de pandemia - Hoje é dia de folia

Passou o réveillon. Foi um Ano Novo estranho, assim como foi boa parte do Ano Velho. Normalmente estaríamos indo para as ruas celebrar a Abertura do Carnaval Não Oficial do Rio de Janeiro, mas o Carnaval, além de livre, também é responsável.

Não somos negacionistas, não desprezamos a ciência e não menosprezamos a vida de cada cidadão folião carioca.

Mas hoje, neste Dia de Reis, queremos adicionar aos três Reis Magos, para a folia ficar completa, o nosso Rei Momo e fazer uma promessa.

O Rio nunca teve nos últimos três séculos um carnaval sem povo na rua. Em 1912, após o falecimento do Barão do Rio Branco, o poder público decretou o adiamento do carnaval para abril. A folia nesse ano foi dobrada, acontecendo em fevereiro e abril.

Em 1919, depois da avassaladora Gripe Espanhola e após o seu arrefecimento repentino no final de 1918, o Povo Folião do Rio de Janeiro fez aquele que é considerado o maior carnaval da história.

Só que desta vez o vírus ainda está aí e com força. Infelizmente, o Governo Federal brinca com a saúde do povo e chega ao absurdo de fazer campanha contra a vacina. Enquanto quase todo o mundo já está se imunizando, esbarramos em dificuldades básicas que já deveriam ter sido planejadas desde abril, como a compra de seringas e agulhas.

É certo que teremos que reinventar o nosso carnaval e que neste ano o encontro, a folia nas ruas, os abraços, os beijos descompromissados e as paixões de carnaval não vão existir como as conhecemos.

Temos a comemorar neste início de ano, ao menos, a saída do pior prefeito da história do Rio. Aquele que não gosta da cultura do seu povo, representada pelo carnaval, e que agiu o tempo todo para diminuí-la.

Por outro lado, sabemos que o prefeito que entra, que diz gostar de carnaval, foi quem iniciou o processo de mercantilização e padronização de uma festa por essência popular e espontânea.

E não nos esqueçamos que foi no seu último ano de gestão que a linda festa da Abertura do Carnaval Não Oficial foi atacada por brucutus da GM a tiros e bombas.

Esperamos sinceramente que em seu novo mandato ele entenda e respeite o caráter espontâneo e anárquico da festa maior da cidade.

A promessa? Não esqueçamos.

Prometemos que assim que os cientistas afirmarem que é seguro, superaremos 1919 e faremos o maior carnaval de todos os tempos, exorcizando todos os males que ainda nos afligem.

Salve o Carnaval de Rua do Rio de Janeiro!!!

Liberdade, Folia e Luta!

Desliga dos Blocos do Rio de Janeiro

(Desliga dos Blocos, 6 de Janeiro de 2021)

Em 28 de Dezembro de 2021, com a criação das vacinas de combate a Covid19 e sua larga distribuição, começou a se pensar na flexibilização de algumas medidas sanitárias. Ainda que as vacinas já estivessem mostrando bons resultados, as aglomerações ainda não eram factíveis, visto que o índice de contaminação e ocupação dos leitos de emergências em hospitais públicos e privados ainda permaneciam cheios. Nesse sentido, mais comunicados foram sendo feitos nas redes do Boi Tolo e da Desliga dos Blocos como este apresentado na figura 20:

Figura 20 - Comunicado do Boi Tolo.



Cordão do Boi Tolo
28 de dez. de 2021 · 🌐

Liberdade, folia e luta! Posicionamento sobre a Abertura do Carnaval Não Oficial. Se cuidem!... Ver mais

A *Desliga dos Blocos* **NÃO** fará sua tradicional Abertura do Carnaval Não Oficial no INÍCIO DE JANEIRO.

Estamos analisando o andamento da pandemia na cidade para decidirmos se haverá condições para a realização do evento mais adiante. Em meados de janeiro, publicaremos uma posição definitiva, após ouvirmos os blocos que integram o Movimento do Carnaval Livre.

Como sempre, reiteramos o nosso compromisso com a vida.

Liberdade, Folia e Luta.

 desligadosblocos

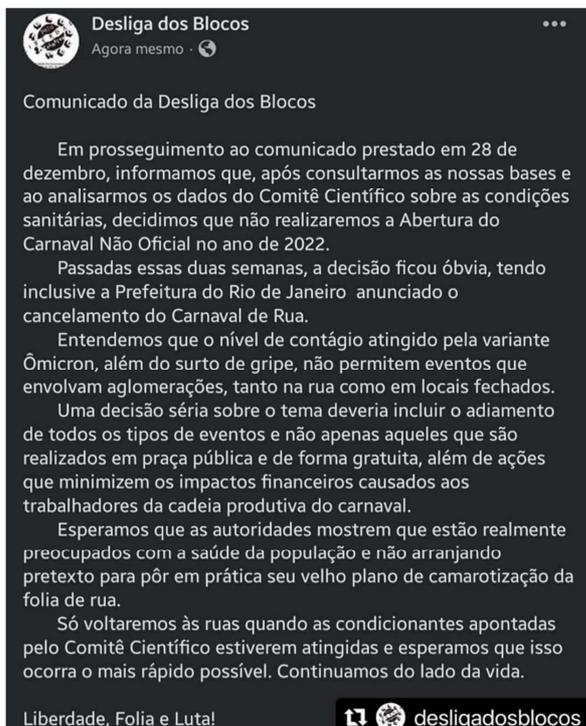
👍❤️ 97 1 comentário · 5 compartilhamentos

Fonte: Cordão do Boi Tolo.

No início do ano de 2022, mais uma vez o carnaval é cancelado pela Prefeitura do Rio que propõe um adiamento para o mês de abril. Essa decisão não ocorreu sem polêmicas, visto que o carnaval oficial, principalmente dos desfiles do Sambódromo exigiam a flexibilidade

total, visto que muitos eventos privados e locais públicos de grande aglomeração já estavam em pleno funcionamento. O Cordão do Boi Tolo não deixou de se manifestar com o entendimento que ocorria uma hipocrisia nas escolhas do que poderia ser liberado, contudo seguiu mais uma vez as orientações dos comitês científicos, principalmente por conta do avanço de uma nova variante do vírus, chamada Ômicron e por conta de um surto de gripe comum, que acabou acontecendo exatamente por conta do contágio represado com a quarentena. Em 19 de Janeiro de 2022, a Desliga pública a seguinte declaração apresentada na figura 21. Abaixo, ainda, a arte feita em referência à defesa do Sistema Único de Saúde, o SUS.

Figura 21 - Comunicado da Desliga dos Blocos.



Fonte: Desliga dos Blocos

Figura 22 - Campanha do Boi Tolo.



Fonte: Cordão do Boi Tolo

3.2 Um bloco de muita musicalidade

O Cordão do Boi Tolo é um bloco conhecido por tocar qualquer gênero musical, mas valorizando fortemente as tradicionais marchinhas, que sempre fazem parte do repertório dos músicos. Acaba que o bloco não deixa de receber críticas de pessoas que pensam o carnaval

de forma mais tradicional, onde não existiria espaço para o aparecimento de nenhum outro gênero que não fosse aqueles vinculados tradicionalmente. De outra forma, por ser bastante eclético é bastante dinâmico e agregador, trazendo elementos da realidade do cotidiano musical das pessoas para dentro do bloco e inovando. O Boi Tolo tem sua construção como bloco também pelas relações que possui com várias músicas executadas durante os cortejos, criando valores simbólicos e de representações, de forma coletiva. Podemos citar o ano memorável, do ano de 2009, para muitos foliões, do desfile que ficou marcado pela música “Carinhoso”, do Pixinguinha, quando de forma completamente espontânea uma multidão começou a cantar a música de forma calorosa sendo acompanhada pelos músicos durante muito tempo, deixando todos muito emocionados. Assim, da mesma forma, foi o ano do “Bolero” de Ravel, em 2008, que num momento de parada para realização de um baile, no pátio do Museu de Arte Moderna, os músicos executaram a obra com sopros e uma fortíssima marcação da percussão, levando todos os foliões que ali estavam ao delírio. Uma música, que também ganhou destaque nesse bloco, foi a tradicional marchinha “Índio quer Apito” de Haroldo Lobo e Milton Oliveira, isso, por conta de uma coreografia bastante executada durante os cortejos, na qual os foliões imitam sons de índios, se mantendo abaixados durante uma parte da música e, de repente, se levantam e pulam de forma frenética no andamento do refrão (figura 23). Independente de críticas a utilização de fantasias, principalmente de índios, que ganhou destaque no ano de 2017 em diante, ou músicas ou qualquer outra questão que envolva etnias, raças e povos, o carnaval sempre foi marcado por essas lembranças e inspirações, o que não deixa de ser um debate permanente entre os próprios foliões do limite da utilização das culturas tradicionais com a irreverência dos blocos.

Figura 23 - Foliões pulando no MAM durante execução de marchinhas (4/03/2014).



Fonte: Luis Otávio Almeida.

3.3 Os filhos e irmãos do Boi Tolo

Figura 24 - A grande família (6/02/2015).



Fonte: Jornal *O Globo*.

A foto acima (figura 24), do caderno Rio show, do Jornal o Globo, ilustra de forma representativa uma árvore genealógica de algumas agremiações novas do carnaval de rua. Blocos que são criados com referências nos anteriores e assim vai seguindo esse fluxo contínuo. No caso do Boi Tolo, nascendo do galho do cordão do Boitatá, já vai dando muitos frutos, outros blocos que nascem praticamente dentro dos seus desfiles, como a “Orquestra Voadora”, “Vem Cá Minha Flor”, “Amigos da Onça”, “Boto Marinho”, os diversos grupos de fanfarras, entre outros que vão adquirindo suas próprias características de organização e, ao mesmo tempo, também ocupando os mesmo espaços públicos do qual o Boi Tolo passou, dando mais vida e significado para esses usos como corredores e espaços de cultura. O Cordão do Boi Tolo apresenta uma ideia onde os calendários festivos e os espaços onde se manifestam determinados eventos podem ser ocupados por mais blocos e por outras manifestações livres e, nesse sentido, jamais rivalizou com qualquer outro bloco. Existe um entendimento, entre os organizadores do Boi Tolo, de que as características que atravessam o bloco e, dessa maneira, toda a sua audiência pode e deve ser compartilhada por qualquer outro bloco, em qualquer outro dia durante o carnaval. Quanto mais blocos com os ideários do Boi Tolo, melhor.

O Boi Tolo fez alguns desfiles memoráveis e fora do calendário oficial do carnaval com o Cordão do Prata Preta (figuras 25 e 26). Num ano se chamava “Prata – Boi” (2014), no outro “Boi – Prata” (2015), (figura 27) demonstrando uma relação de muita afinidade de ideias entre os dois blocos. Por mais que o Prata Preta acabasse formalizado na organização da Prefeitura, durante seus desfiles oficiais, nunca deixou de participar ativamente das Aberturas do Carnaval Não Oficial. Posteriormente, outros blocos que iam surgindo inspirados no Boi Tolo também foram ocupando um papel de destaque nos desfiles, como o Vem Cá Minha Flor.

Figuras 25 e 26 - Convocatória para os cortejos Prata-Boi e Boi-Prata.



Fonte: Cordão do Boi Tolo.

Outro bloco de muitas afinidades de ideias com o Boi Tolo é o “Bloco Secreto”, bloco esse que participou da criação da Desliga dos Blocos e do primeiro manifesto “Momesco”, que todos os anos troca seu nome em referência a algo lúdico ou político que queiram destacar nos seus desfiles. Um bloco que teve origem no “Se Melhorar Afunda, em 2005, criado por um grupo de amigos que cursavam cinema e comunicação na Universidade Federal Fluminense, a UFF, em Niterói. Um bloco que atravessa nas barcas tocando entre Niterói e Rio de Janeiro. Depois acabou muito grande e proibido de fazer a travessia, criando assim sucessivos nomes todos os anos virando no ano de 2009 o “Êpa Rei”, depois “O Centrão Vai Virar Mar”, em seguida o “Baianda”, quando um bloco pela primeira vez adentrou o saguão do Aeroporto Santos Dumond, em 2012. Posteriormente “Boa Noite Cinderela”, depois “Oh Menage”, “Saravaço” e “Sincreto” (figura 28), uma crítica ao Governo Crivella e toda sua tentativa de cerceamento e censura ao carnaval como um todo.

Figura 27 - Desfile do Boi-Prata (28/11/2015)



Fonte: Ana Carvalho

Figura 28 - Desfile do Bloco “Sincreto” pelo Centro do Rio (2016).



Fonte: Luis Otávio Almeida.

3.4 O Nascimento do Bezerro Tolinho

Em 2019 o Cordão do Boi Tolo passou a ter a sua fração infantil, o que não deixou de ser um debate intenso até a materialização do projeto. Desde o nome até o formato, dia de desfile, tudo foi cuidadosamente debatido. O desenho surgiu por criação de um artista plástico, formado na Escola de Belas Artes da UFRJ, que possui o nome artístico “Jaka Red”(figura 29). O primeiro desfile ocorreu na Praça da Cruz Vermelha, no ano seguinte, em 2020, na Praça da Harmonia, nos dois anos seguintes não ocorreu desfiles por conta da Covid19 e volta o Bezerro Tolinho a desfilar no ano de 2022, no Aterro do Flamengo (figura 30). Os dias e horários dos desfiles coincidem com a saída e as primeiras horas do desfile do Boi Tolo para as crianças poderem brincar o carnaval de forma destacada e em segurança. É muito frequentado pelos filhos e parentes pequenos dos organizadores do Boi Tolo, dos músicos e foliões do bloco, de uma forma mais geral. O Boi, por já ter 16 anos, já possui pequenos foliões que nascem e começam a crescer nessa perspectiva de construção cultural (figura 31).

Figura 29 - Desenho do Bezerro Tolinho.



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 30 - Cortejo do Bezerro Tolinho.



Fonte: Cordão do Boi Tolo.

Figura 31 - Crianças com o estandarte do bezerro.



Fonte: Acervo do autor.

3.5 Os diversos eventos do Boi Tolo

O Boi Tolo realiza todos os anos o seu desfile oficial, no domingo de Carnaval, participa do desfile da Abertura do Carnaval não Oficial, realiza ainda uma festa Junina, geralmente em julho ou agosto e esporadicamente uma roda de samba como confraternização do grupo (figura 32)

A ideia principal das rodas de samba sempre foi todo mundo tocar, assim como nos desfiles. Qualquer pessoa pode trazer um instrumento e se sentar à mesa, tocar e cantar. Dessas rodas de samba informais surgiram alguns nomes que vieram depois a fazer sucesso em rodas de samba pela cidade, como os integrantes do Samba de Lei.

O Arraiá do Boi Tolo já virou uma tradição para os frequentadores assíduos do carnaval carioca. É um evento bastante lúdico e criativo, onde sempre surge uma surpresa, como personagens humanos ou animais fantásticos, como o boi-bumbá ou bumba meu boi, no caso do Boi Tolo os bonecos representando os bois foram carinhosamente nomeados de Bois Totós (figuras 33 e 34). Todos os anos, o Boi Tolo realiza essa festividade no Largo do Boi Tolo, na Rua do Mercado, atraindo centenas de pessoas. As comidas e bebidas são consumidas nos bares locais que dão suporte estrutural ao evento, afinal, o bloco não paga e não recebe em todos as suas festividades. Até o cachorro-quente que as vezes surge é por doação dos organizadores e distribuído gratuitamente. Ao final das apresentações comandadas pelos grupos musicais e da quadrilha ocorre um pequeno cortejo pela região central da cidade. (figuras 35 e 36)

Os arraiais têm sido um importante espaço para apresentação de grupos que querem expandir suas apresentações para além do carnaval e de divulgação de músicas de festa juninas locais que não tocam mais em eventos.

Figura 32 - Roda de Samba do Boi Tolo (28/02/2016).



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 33 - Arraiá do Boi Tolo (26/07/2015)



Fonte: Edu Pereira.

Figura 34 - Os dois Bois Totós, como carinhosamente foram chamados (26/07/2015).



Fonte: Edu Pereira.

Figura 35 - Arraiá do Boi Tolo (26/07/2015).



Fonte: Rafael Alverne.

Figura 36 - A diversidade presente no Arraiá do Boi Tolo (26/07/2015).



Fonte: Rafael Alverne.

3.6 Os mandamentos do carnaval livre

As disputas socioespaciais de um bloco, que se distancia das formalidades do poder público, só podem ser vitoriosas com algum nível de organização e de regras internas. Nesse sentido, é importante apresentarmos, para o conjunto deste trabalho, uma proposta que se materializou depois de muitas experiências internas e muitos debates. Os mandamentos do carnaval são importantes quando um bloco tão volumoso vai ocupar as ruas sem perder seus

próprios ideais. Existe um pensamento no bloco que não basta ocupar as ruas de forma livre, respeitosa e democrática, se essa ação não estiver conectada com o entendimento desses propósitos por uma parte significativa dos foliões. Assim surgem os mandamentos que também servem para a instrumentalização de vários outros blocos.

Sabemos que o carnaval acaba sendo um espaço em disputa permanente e não apenas no direito dos foliões em ocupar as ruas e praças, mas também nas relações que se estabelecem entre todos. A lógica individualista, que permeia a nossa sociedade, nos modela a disputarmos contra tudo e contra todos, em qualquer ambiente que estejamos, e para qualquer coisa que almejamos. Os blocos de carnaval não estão separados dessa lógica, como sistematicamente acabam tendo problemas com violências de gênero, homofobia, racismo, entre outras brutalidades que enfraquecem o caráter coletivo que um bloco precisa ter. Nem sempre as violências são causadas por pessoas estranhas ou externas ao convívio dos foliões. O Cordão do Boi Tolo possui a maior corda humana vista em blocos de carnavais exatamente porque estimula nos foliões essa consciência coletiva de colaboração. A segurança e o bem-estar dos músicos, pernaltas e foliões no Boi Tolo acabam sendo responsabilidades de todo mundo ou que pelo menos deveriam ser. Nessa mesma lógica, o avanço na consciência e o retrocesso em diferentes pautas são observados constantemente. Qualquer coisa que progrida, não necessariamente ali ficará permanentemente e por isso os organizadores do Boi Tolo tem a compreensão que é necessário que as informações e campanhas sejam constantes e conjuntamente com as atividades do bloco. Foi nesse encaço que surgiu uma parceria do Boi Tolo com o Museu dos Memes através dos "mandamentos do Carnaval". A ideia foi apresentar os principais problemas que ocorrem durante os desfiles pedindo para que as pessoas tenham um outro comportamento e ajudem na divulgação das informações. Foram elaborados 15 mandamentos que tratam dos seguintes temas (figuras 37 a 52).

Figura 37 - Mandamento 1.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 38 - Mandamento 2.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 39 - Mandamento 3.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 40 - Mandamento 4.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 41 - Mandamento 6.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 41 - Mandamento 5.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 43 - Mandamento 7.



Fonte: Boi Tolo

Figura 44 - Mandamento 8.



Fonte: Boi Tolo

Figura 45 - Mandamento 9.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 46 - Mandamento 10.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 47 - Mandamento 11.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 48 - Mandamento 12.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 49 - Mandamento 13.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 50 - Mandamento 14.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 51 - Mandamento 15.



Fonte: Boi Tolo.

Figura 52 - Mandamento 16.



Fonte: Boi Tolo.

O mandamento 9 aparece duas vezes pelo motivo de uma substituição que ocorreu do “Não tocamos músicas de torcidas” por “Respeite a Diversidade”, exatamente pela necessidade urgente de respostas a ataques homofóbicos nos desfiles.

Os mandamentos refletem pautas da própria sociedade e pelas quais os blocos de carnaval também buscar se responsabiliza. Mesmo que o Cordão do Boi Tolo existisse como uma agremiação oficial, isso não o isentaria das responsabilidades que possui, principalmente o bloco sendo um conjunto de foliões. Temos alguns mandamentos que pedem respeito as individualidades de cada um, o respeito e a proteção da permanência das mulheres sem serem alvos de assédios, como também da obrigação que se precisa ter com quem não está no bloco, como evitar ao máximo possível atrapalhar o trânsito, do respeito as diversidades de cada um e de evitar subir em locais altos que podem colocar a vida das pessoas em riscos e danificar objetos públicos da cidade. Temos outros mandamentos importantes para o andamento do bloco, que buscam conscientizar os foliões para que ninguém fique parado na frente de um bloco em movimento, que ajude na hidratação dos músicos, nas cordas humanas protegendo as pernas de paus e músicos, pedindo para que toquem e cantem as marchinhas tradicionais, para que não se percam e ainda evitar exageros. O pedido para se evitar o excesso do consumo de drogas lícitas e ilícitas é um dos mais utilizados pelo Boi Tolo. É um tema muito caro, principalmente quando acontecem tragédias decorrentes do excesso do uso dessas substâncias. O bloco não é irresponsável de aceitar como normal a ausência de limites por parte dos foliões, como também não se posiciona de forma moralista contra o uso dessas mesmas substâncias. O pedido de reponsabilidades, por parte de cada um, é muito bem aceito e o bloco evita estimular exageros, como parar por muito tempo durante um cortejo e ampliar excessivamente o tempo do cortejo.

3.7 A Comemoração dos 10 anos do Boi Tolo

No dia 26 de fevereiro, uma sexta-feira, o Cordão do Boi Tolo completou 10 anos de idade. A comemoração foi no domingo seguinte, no Largo do Boi Tolo, na Rua do Mercado, com uma roda de samba comandada pelo grupo Samba da Pedreira. O evento estava marcado para começar as 15h e teve direito a bolo, placa com o nome do Largo do Boi Tolo e um estandarte novo comemorativo. Os parabéns foram cantados dentro do bar Kamikaze, onde se encontra exposto permanentemente o primeiro estandarte do Boi Tolo, ainda com a presença do sol (figura 53). O cortejo começou no final da tarde e contou com uma forte presença de foliões, de componentes de diversos blocos de carnaval e organizadores e músicos do Bloco Vem Cá Minha Flor, que foram prestar uma belíssima homenagem ao aniversário do Boi. (figuras 54 à 56).

Figura 53 e 54 - Aniversário de 10 anos do Cordão do Boi Tolo e cortejo de comemoração.



Fonte: Cordão do Boi Tolo.

Figura 55 - Comemoração e cortejo pelos 10 anos do Boi Tolo.



Fonte: Cordão do Boi Tolo

Figura 56 - Integrantes do bloco comemorando os 10 anos.



Fonte: Rafael Alverne.

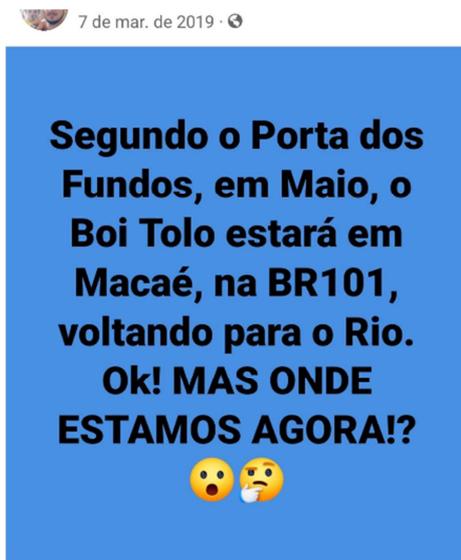
3.8 A brincadeira do Bloco Infinito e Onde Está o Boi Tolo?

Muitas pessoas fazem publicações alusivas ao Boi Tolo quando querem falar de algo que nunca acaba ou que não sabem onde se encontra. A origem dessas brincadeiras que já apareceram até no programa de comédia “Porta dos Fundos” começa a partir do bloco começar a bater seus próprios recordes de tempos de desfiles, chegando a existir depois de 16 horas com alguns músicos, foliões e o estandarte em algum lugar da cidade. De forma geral o bloco anda muito, atravessando bairros e acabando em alguma praia, bem longe de onde se deu a sua partida. Como o tempo de desfile atravessa a manhã, chegando à tarde e posteriormente à noite, surgem a todo momento pessoas querendo saber onde podem encontrar com o bloco. É comum foliões brincarem no bloco nas suas primeiras horas de desfile, irem para casa e depois retornarem no final da tarde para a continuação da festa. Nas redes sociais, em qualquer data do ano, podemos encontrar um gaiato afirmando ter encontrado o Boi Tolo desfilando em outra região do país ou até mesmo num local inóspito em outro continente.

Outra graça que os foliões fazem é se fantasiar com placas onde se lê “Onde Está o Boi Tolo?”, sendo que as pessoas em questão estão desfilando no próprio bloco.

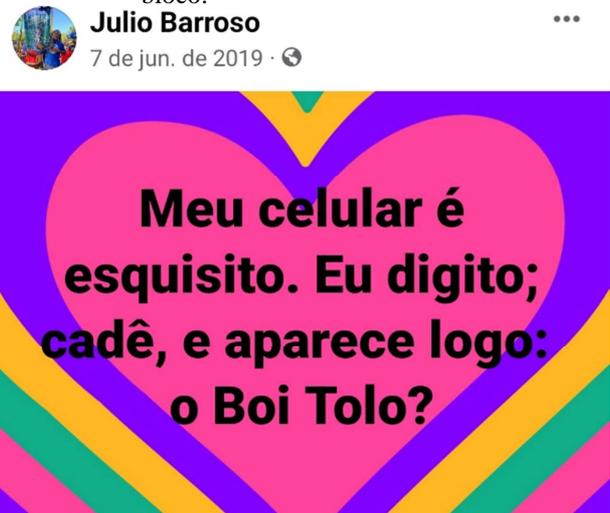
Essa característica do bloco não ter um trajeto completamente definido e nem um horário específico para completar o desfile promove brincadeiras sadias, fortalece um imaginário que dialoga com a festividade e aproxima as pessoas de um ideário de carnaval realmente livre, sem cerceamentos e burocracias, como nas mensagens abaixo, criadas por foliões que frequentam os desfiles do bloco, através de suas redes sociais, como o Facebook (figuras 57 e 58).

Figura 57 - Postagem brincando com o trajeto do bloco.



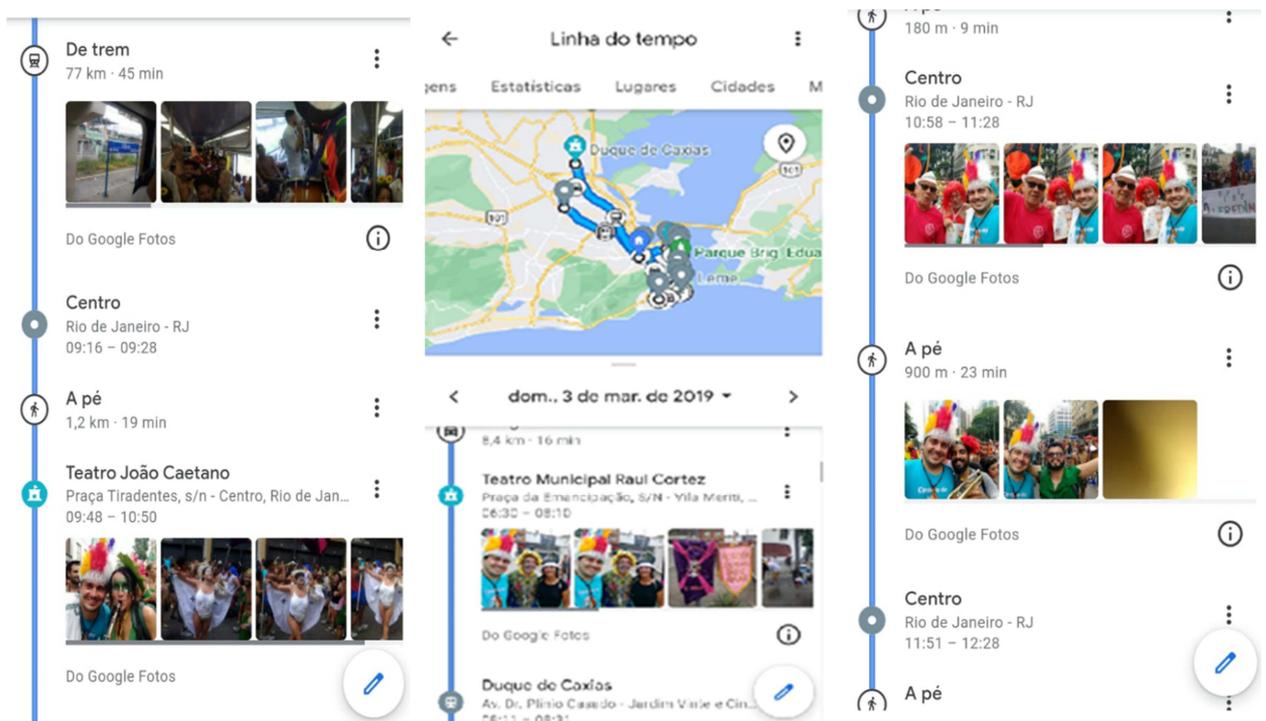
Fonte: Julio Barroso.

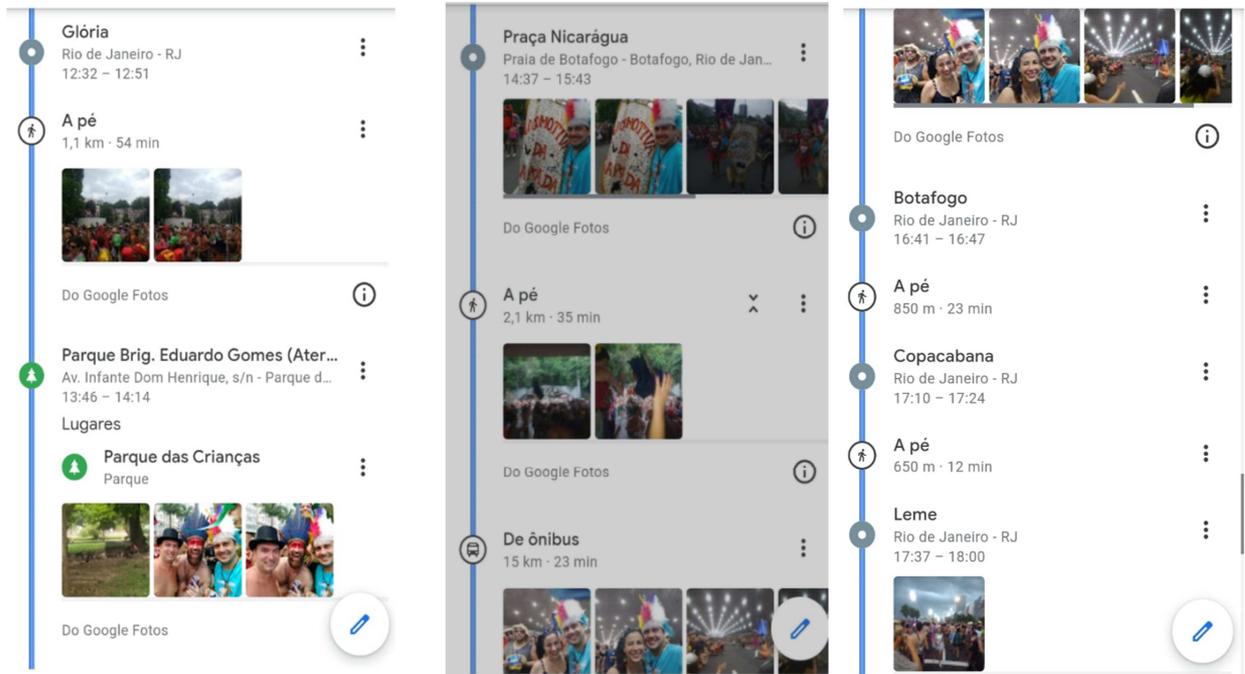
Figura 58 - Postagem brincando com a localização do bloco.



Fonte: Acervo do autor.

Figura 59 - Conjunto de prints do localizador e histórico do Google Maps.





Fonte: Google Maps.

A figura acima (59), ilustra uma saída do Cordão do Boi Tolo, no ano de 2019, quando pela primeira vez duas “boiadas” vieram nos trens com estandartes e grupos de fanfarras, sendo a “Locomotiva da Baixada” a que comandou a “boiada” saindo do Município de Duque de Caxias e a “Bola Laranja” que veio do bairro de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro. A figura serve para localizar todo o trajeto da boiada de Caxias, que ao chegar na Avenida Presidente Vargas, no Centro do Rio de Janeiro, encontrou-se com a maior “boiada”, que se concentrou nas imediações da Igreja da Candelária. A partir de então todas as boiadas foram pelo mesmo trajeto até o fim, com algumas separações de espaço entre as boiadas, para evitar confusões. O bloco ao se encontrar com todas as boiadas, chegou a ter um número expressivo de foliões que cobriam uma via da Avenida Presidente Vargas até a Avenida Passos, na altura da Praça Tiradentes. O bloco, nesse desfile de 2019, encerrou-se por volta das 18h, no Leme por conta de um grande temporal que caiu repentinamente, fazendo com que terminasse o cortejo de forma súbita.

O trajeto apresentado detalhadamente, através das ilustrações, serve para expressar como o Cordão do Boi Tolo leva a sério grandes circuitos.

Seguem os horários e localização de uma das boiadas:

- 1) 6:30h - Teatro Raul Cortez – Caxias – Concentração

- 2) 8:30h – Baile na estação de Trem de Caxias e na locomoção rumo ao Rio de Janeiro (figura 60 e 61)
- 3) 9:16h – Baile na Estação de Trem Central do Brasil, no Centro do Rio de Janeiro
- 4) 9:48h até 10:50h – Imediações do Teatro João Caetano – Centro do Rio de Janeiro
- 5) 11:28h – Largo da Carioca – Centro do Rio de Janeiro
- 6) 13:46h – Aterro do Flamengo – Zona Sul do Rio de Janeiro
- 7) 14:37 até 15:43h – Praia de Botafogo – Zona Sul do Rio de Janeiro
- 8) 16:41 – Túnel Novo, que liga os bairros de Botafogo e Copacabana – Zona Sul do Rio de Janeiro
- 9) 18h – Bairro do Leme – Zona Sul do Rio de Janeiro

Figura 60 - Boiada do boi Tolo na Estação Duque de Caxias-RJ (26/02/2017).



Fonte: Acervo do autor.

Figura 61 - Boiada dentro do trem rumo ao Rio (26/02/2017).



Fonte: Acervo do autor.

4 AS ESTRATÉGIAS SOCIOESPACIAIS DO CORDÃO DO BOI TOLO FORTALECENDO SUA RELAÇÃO COM OS ESPAÇOS PÚBLICOS

No capítulo 4 trataremos das estratégias socioespaciais criadas pelos integrantes do bloco para a sobrevivência do Cordão do Boi Tolo e das ocupações de diferentes localidades da cidade, inclusive de aparelhos públicos, como os túneis da cidade. No subcapítulo 4.1. debateremos essas estratégias, que são idealizações que desenvolvem contornos práticos, que poderiam até ser entendidas como utópicas para a organização de um bloco, mas que são o que ele tem de melhor, diferenciando-o dos demais e por isso de importância para os leitores terem conhecimento do bloco e dos debates contidos neste trabalho. Ainda que o Boi Tolo possa ser entendido como um bloco livre, precisa de organização, de planejamento e de execuções de determinadas tarefas que exigem profissionalismo dos integrantes do bloco e dos foliões de um modo geral e sendo assim, algumas ideias são apresentadas, sem parecer imposições.

No subcapítulo 4.2. abordaremos diferentes espaços públicos ocupados pelo Boi Tolo que o fortalece para continuar desfilando e crescendo cada vez mais. As pessoas que desfilam no bloco passam a conhecer espaços públicos e privados da cidade a partir de uma outra perspectiva, que valoriza as relações sociais dos foliões com sua própria cidade.

4.1 As principais estratégias de sobrevivência do Cordão do Boi Tolo

O Cordão do Boi Tolo, acontece todos os anos com as mesmas características de organização desde o seu primeiro desfile. Uma bagunça de certa forma arrumada, pois pensando o bloco como vanguarda do que caracterizamos como carnaval livre, não se sustentaria sem ter um núcleo de pessoas que debatem e planejam o Boi ao longo do ano. Esse grupo centraliza informações que acabam sendo passadas ou debatidas em reuniões ou em coletivos maiores, principalmente pelas redes de WhatsApp, onde além do grupo Boi Tolo, existem outros grupos como o “Abertura do Carnaval Não Oficial”, para irem amadurecendo determinadas ações, principalmente os desfiles oficiais e os de aberturas do carnaval anualmente, que exigem maiores participações de pessoas que pensam e possuem

experiências com essas organizações de desfiles. Mas, para além da organização, existem ideários que esse coletivo mais fechado assume para uma tentativa de preservação do próprio bloco. As pessoas que pensam a organização divergem cotidianamente nos mais diversos assuntos, mas o Boi Tolo possui suas “cláusulas pétreas” que mantém a fronteira do bloco completamente fechada para comercializações, negociações e privilégios. Essas estratégias socioespaciais são apontadas como o principal motivo de o bloco não apenas atravessar todos esses anos, como se fortalecer cada vez mais com seus ideários sendo sempre transmitidos também na imprensa, como nessa declaração para o Jornal Extra, no ano de 2011.

“Carnaval é isso, uma manifestação espontânea. O que o Boi Tolo fez em 2006 a prefeitura hoje acha que é uma contravenção, mas acredito que o excesso de regras só atrapalha o carnaval em sua essência e beneficia blocos que nasceram para serem comerciais. A gente não paga nem recebe nada - diz Luis Otavio Almeida que, quando é apontado como diretor do bloco, logo faz questão de esclarecer - Aqui não tem diretor nem presidente. É um bloco anárquico. Somos todos iguais, foliões que querem brincar o carnaval. É um encontro de pessoas”.

Podemos destacar algumas estratégias assumidas que acabam diferenciado o Cordão do Boi Tolo dos outros blocos, principalmente os oficiais, mas também até de um modo geral dos blocos livres, pois é muito atípico um bloco não ter nenhuma motivação monetária. Muitos blocos que se tornam minimamente conhecidos realizam oficinas pagas, eventos em locais fechados com ingressos, entre outras atividades afins. O Boi Tolo em nenhum momento da sua história fez qualquer tipo de atividade paga, como também nunca pagou ninguém para nada, assim como também não possui um dono, ou uma marca lucrativa. Nesse sentido, importante destacarmos duas principais estratégias para o entendimento da popularização, sobrevivência e sucesso desse cordão.

4.1.1 O Cordão do Boi Tolo não ter um dono, sua marca não ser de domínio privado e não possuir hierarquias internas

O bloco em questão não tem um registro oficial e nem marca registrada, fazendo com que essa estratégia permita que o bloco permaneça como um bem de utilidade pública, acontecendo quando ocorre determinadas festividades. Um bloco que se apresenta como livre não poderia ter um proprietário e nem mesmo um grupo de possesores. Esse debate de registrar o nome surge costumeiramente e a ideia sempre acaba rechaçada. Ajuda também a proteger os integrantes que estão na organização do bloco e dos festejos, pois sendo de

utilidade pública e de livre agregação, ninguém é responsável diretamente pela realização dos eventos, cada um responde pelos seus atos e não uma pessoa pelo bloco.

4.1.2 O bloco não pagar nada para ninguém e nem receber nada de ninguém

Essa é talvez a estratégia mais interessante, pois ao não pagar e não receber nenhum recurso, de entes públicos ou privados, e ainda nenhuma doação, o bloco se mantém independente

O Cordão do Boi Tolo não se relaciona com o poder público, não participa dos editais, não assina documentos, não frequenta gabinetes e não se envolve com a organização oficial do carnaval.

O bloco existe através de uma reunião de foliões, em dias festivos, sem nenhuma estrutura de veículos ou grandes equipamentos de som, com a compreensão de estar assegurado no artigo 5º da Constituição Federal como uma reunião livre de indivíduos nos espaços públicos.

O Boi Tolo não coloca cordas criando espaços privilegiados e privados nos seus desfiles, mantendo o seu caráter público, gratuito e de livre circulação entre os próprios foliões que organizam o bloco a partir do simples entendimento do que pode ser o melhor para a maioria presente no momento do desfile. Como exemplo, temos a maior corda humana vista em blocos de carnaval na cidade, onde as próprias pessoas preservam o espaço físico dos músicos, das pernaltas e dos estandartes, para além dos organizadores que circulam resolvendo problemas de trajetos e de organização (figura 62).

Figura 62 - Corda humana durante o cortejo do Boi.



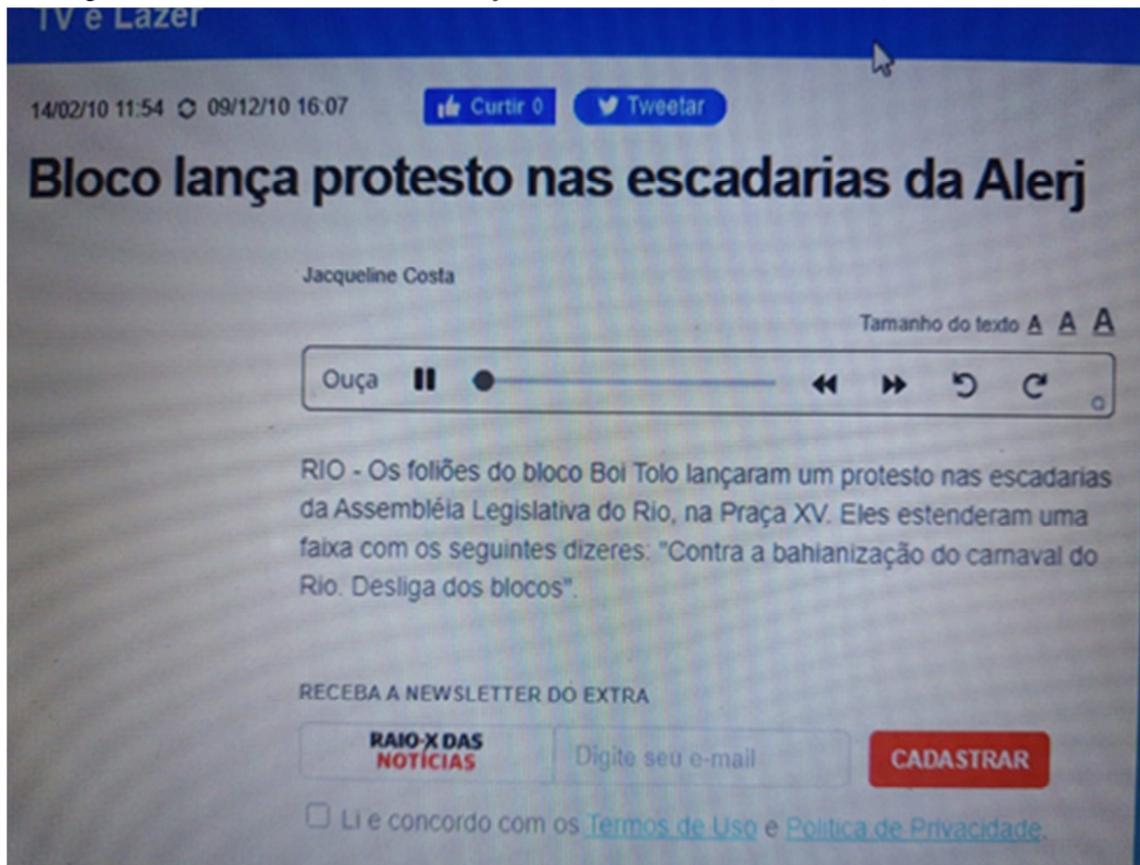
Fonte: Luisa Mattos.

O Boi Tolo é, por essência, contra a privatização do carnaval e como já apontamos, em 2010, quando alguns blocos na cidade começaram com a ideia de venda de abadás, trios elétricos e comercialização de espaços privados com cordas, o Boi Tolo, num direcionamento contrário, começou uma mobilização contra esse tipo de prática, chegando num dos desfiles desse ano a abrir uma faixa de 24 metros nas escadarias da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, que dizia “Contra a Bahianização do Carnaval do Rio”, fazendo uma alusão crítica ao modelo de cordas do carnaval baiano (figura 63).

Na página pessoal do Cordão do Boi Tolo, no Facebook, ainda destaca outras estratégias das quais já pontuamos e comentamos ao longo desse trabalho como:

- a) Existe através de um encontro de foliões, no domingo de carnaval
- b) Exerce o carnaval livre, autêntico, espontâneo e irreverente
- c) Entende o carnaval de rua como a mais legítima manifestação cultural do povo
- d) Repudia a mercantilização do carnaval e a privatização do espaço público

Figura 63 - Protesto contra a “bahianização³” do carnaval do Rio (14/02/210).



Fonte: Jornal Extra.

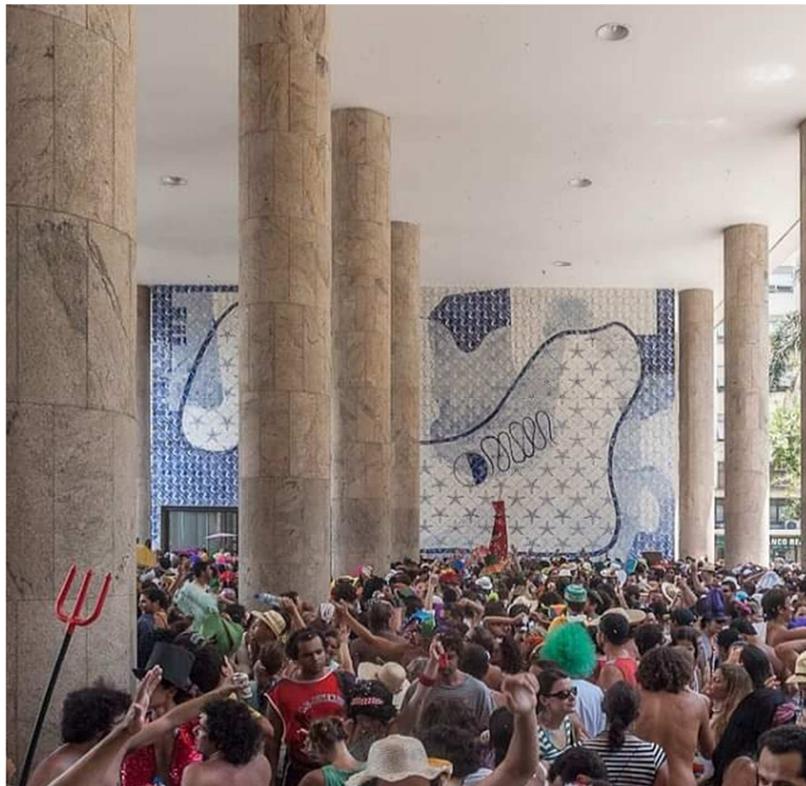
4.2 O fortalecimento do Cordão do Boi Tolo com os espaços públicos

O Cordão do Boi Tolo durante os seus desfiles, promove algumas paradas em locais de importância para o bloco. Lugares que acabam se tornando apropriações simbólicas e afetivas, produzindo nos foliões registros de imagens pelas câmeras de celulares, máquinas fotográficas, além de memórias importantes. O primeiro, que foi sendo ocupado durante os primeiros desfiles foi as escadarias da ALERJ, onde o bloco já fez intervenções de protestos, quando abriu faixas contra a privatização do carnaval ou de ludicidade, quando os foliões exibiram um enorme e comprido fantoche apresentando a dança do Boi Chinês. Quando as saídas do bloco acontecem na rua do Mercado, os organizadores já pensam se vão ou não ocupar as escadarias da ALERJ, o que as vezes não ocorre pela necessidade de cortejar mais rápido, com menos paradas.

³ Termo criado para fazer uma referência crítica ao carnaval com vendas de camisetas e espaços, como ocorre na cidade de São Salvador, na Bahia. O termo acabou sendo questionado por acabar generalizando o carnaval baiano.

No espaço do pátio e dos jardins do antigo prédio do Ministério da Educação, o Palácio Gustavo Capanema, o bloco sempre que passava parava para a realização de um grande baile de carnaval (figura 64). Um espaço muito ventilado, onde o teto e as paredes ressoavam o som criando uma acústica muito boa para diversas músicas, inclusive era neste espaço que ocorria uma gostosa ciranda durante os desfiles. Um local que nos fins de semana e no carnaval ficava completamente esvaziado, acabou ressignificado e foi sendo reivindicado pelos blocos através dessa ocupação do Boi Tolo. Em alguns anos, por conta do crescimento do carnaval de rua e sobretudo o Boi Tolo, mas principalmente por conta de uma política cada vez maior de elitização, colocaram tapumes em torno ao espaço do pátio, proibindo a presença e ocupação dos blocos com o argumento da necessidade uma reforma no prédio histórico. Uma obra orçada em 28 milhões, que teve início em 2014 e que 8 anos depois ainda permanece com os mesmos tapumes e cerceamentos. Para piorar, o governo federal em 2021 colocou o prédio em uma lista de bens da união a serem leiloados e graças a uma movimentação de políticos fluminense, o imóvel foi retirado do processo.

Figura 64 - Baile do Boi Tolo nos pilotis do Gustavo Capanema



Fonte: Ovo de Codorna (1/03/14).

O pátio do Museu de Arte e Moderna foi outro local de parada tradicional do Boi Tolo, onde a pouca distância do chão ao teto promoviam também uma excelente acústica

fazendo os bailes de carnaval se tornarem mais alegres e divertidos (figura 65). Infelizmente, a própria administração local começou a restringir o espaço com tapumes e a promover eventos pagos. Foi neste local que ficou marcada a execução pelo bloco da música clássica “Bolero”, de Maurice Ravel.

Figura 65 - Baile do Boi Tolo no Pátio do MAM RJ.



Fonte: Eduardo Affonso (15/02/2015).

O Cordão do Boi Tolo como não negocia os espaços públicos, quando restringido um determinado local, passa a ser direcionar para outro local, buscando sempre novos espaços onde possa se desenvolver. Alguns, inclusive, são parte de uma história da cidade que nem existe mais, como a Ladeira do Livramento. Em janeiro de 2015, quando antecipando as comemorações pelos 450 anos da Cidade do Rio de Janeiro, o Boi Tolo resolveu subir o resquício do que já foi o Morro do Castelo. Boa parte dos foliões ficaram sem entender o que se passava, já que o monte havia sido demolido no início do século passado. Ao chegar no local foi uma grande surpresa para muitos ainda existir uma parte da Ladeira da Misericórdia, local onde a Cidade do Rio de Janeiro nasceu, que acabou tomada pelos foliões que tocaram e cantaram emocionados “Cidade Maravilhosa”, tradicional hino da Cidade e de abertura e fechamento de muitos blocos (figuras 66, 67 e 68).

Figura 66 - Boi Tolo sobe a Ladeira da Misericórdia.



Fonte: acervo do autor (04/01/2015).

Figura 67 - Foto tirada do alto da Ladeira da Misericórdia (04/01/2015).



Fonte: Cordão do Boi Tolo.

Figura 68 - Foliões no limite da Ladeira da Misericórdia (04/01/2015).



Fonte: Cordão do Boi Tolo.

A relação dos blocos de carnaval, de um modo geral, tanto os oficiais quanto os livres, com diferentes locais da cidade, é sempre de muita afinidade. Existe um forte sentimento de pertencimento aos diferentes lugares onde os blocos se concentram ou transpassam, que promove construções de identidades e de significados. Os foliões sentem-se vinculados a um acontecimento cultural de muita afinidade, de relações sociais autodefinidas e maleáveis, que transformam o espaço conhecido em outro tipo de apropriação, simbólico e funcional acabando por o territorializar através de uma construção de identidade social, promovendo uma comunicação com o ambiente, mesmo que temporariamente. O Boi Tolo, em conjunto com o bloco Prata Preta, promoveu em 29 de novembro de 2014, uma ocupação também memorável, do Morro do Livramento, um acidente geográfico que se situa entre os Morros da Providência e Morro da Conceição. Para explicitar melhor o que foi, trazemos uma declaração do Edu Pereira, um dos organizadores do Boi Tolo, publicada originalmente em seu perfil social do Facebook em 30/11/14:

“O que falar de 29 de novembro, onde dois blocos de carnaval com origens bem peculiares se reencontram para reescrever a história do carnaval de nossa cidade. Desde o nosso primeiro cortejo(acidental), agradeço ao Cordão do Boi Tolo por me trazer tanta felicidade ao reencontrar amigos e desfrutar da alegria contagiante que emana de cada um que sabe fazer da folia algo inexplicável. Mas a partir deste lindo 29 de novembro agradecerei também ao Prata Preta por nos levar a caminhos jamais pensados, jamais sonhados e jamais vividos. Cada beco, cada ladeira, cada subida e descida transformaram minha vida mais uma vez. Boi Tolo e Prata Preta, obrigado.

O Morro do Livramento é uma área popular, com forte incidência da favela da Providência e isso causou uma grande impressão nos foliões, que não esperavam desfilar por becos tão apertados, por ladeiras que poucas pessoas conheciam e perceberem, inclusive, o impacto da queda dos preços das bebidas, no alto do morro, o que fez com que os blocos dessem um grande intervalo para as bebericações (figuras 69,70 e 71) Outra cena, que chamou muita atenção, eram os casais, principalmente de idosos, que vinham às janelas “abraçar” o bloco, recebendo em contrapartida a execução do hino Carinhoso, do compositor Pixinguinha. O cortejo terminou na Praça da Harmonia com os foliões muito felizes com toda aquela brincadeira.

Figura 69 - Desfile do Prata-Boi no Morro do Livramento (29/11/2014).



Fonte: Acervo do autor.

Figura 70 - Estandartes do boi Tolo e Prata Preta levando os foliões por um beco (29/11/2014).



Fonte: Acervo do autor

Figura 71 - Desfile do Prata – Boi no Morro do Livramento (29/11/2014).



Fonte: Acervo do autor.

Os blocos de carnaval talvez sejam os maiores responsáveis por impulsionarem a maior atividade cultural de valorização dos objetos fixos da cidade, que parecem combinar com todas as aparências e formas dos blocos, promovendo uma relação interativa de pessoas com os locais previamente escolhidos, assimilados e valorizados. Assim ocorre quando o Boi Tolo ocupa a Praça XV, os Arcos da Lapa ou a Praça Mauá com todas aquelas cores, movimentações, fantasias e confraternizações, algo que não pode ser dimensionado por valores comerciais.

O Cordão do Boi Tolo nasceu exatamente numa praça pública e de forma livre e espontânea. A relação desse bloco com diferentes tipos de objetos, paisagens, praças, ruas e monumentos é aproximada, podendo inclusive conformar em muitos momentos uma paisagem cultural. Segundo Di Méo (2001), conforme citado por Almeida (2013), “esse simbolismo festivo identifica e qualifica os lugares, os sítios, os monumentos, as paisagens e os lugares ordinários. Ritos e cerimônias destacam as ações dos grupos locais sobre o espaço da festa”.

Mais que uma geografia concreta, Almeida (2011) afirma que “a festa engendra e constitui uma geografia simbólica e o espaço é revestido de uma dimensão mítica”. As paisagens festivas emergem segundo as experiências e as percepções de cada indivíduo. Um exemplo da relação dos blocos com os símbolos da cidade são desfiles que ficam na memória exatamente pela forma como os espaços foram ocupadas, inclusive de forma completamente ousada, tanto o Bloco Secreto, cujo nome é modificado anualmente, como o Cordão do Boi Tolo, ocuparam os saguões do Aeroporto Santos Dumont, promovendo uma grande festa. Em outra ocasião, não menos polêmica, o Boi ocupou o terraço do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (figuras 72 e 73) e o Bloco Secreto, por sua vez, realizou o último baile de despedida da Perimetral. Podemos citar ainda a relação desses blocos com as praças públicas, que se tornaram espaços tradicionais e afetivos para desfiles, bailes e ensaios, como os arredores dos Arcos da Lapa (figuras 74 e 75), a Praça Paris, na Glória, a Nova Praça Mauá, que teve a sua reinauguração também pelos blocos, com participação do Boi Tolo e Prata Preta, marcando posição na ocupação do local, a Praça Tiradentes e ainda a Praça XV, palco de nascimento de blocos e ponto de encontro com os foliões e blocos que vem de Niterói, através das barcas, promovendo empolgantes bailes flutuantes. Outro lugar de muita afinidade, é a Ilha de Paquetá. Suas características culturais, paisagísticas e bucólicas acabam criando um vínculo com as próprias particularidades dos blocos. É comum, inclusive, fantasias de marinheiro, João Candido, Iemanjá, boto, pirata, entre outros, que façam alusão ao mar, as embarcações e a própria ilha. Bem recentemente, em 11 de fevereiro de 2017, criou-se mais um bloco alternativo, chamado Boto Marinho, para fazer o trajeto Praça XV – barcas – Paquetá.

Figura 72 - Boi Tolo ocupa o memorial aos heróis da II Guerra Mundial (02/03/2014).



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 73 - Boi Tolo ocupa o Memorial aos heróis da II Guerra Mundial (02/03/2014).



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 74 - Encontro de todas as boiadas nos Arcos da Lapa (26/02/2017).



Fonte: *O Globo*.

Figura 75 - Encontro das boiadas nos Arcos da Lapa (26/02/2017).



Fonte: *O Globo*.

A ocupação do espaço público acaba sendo mais simbólica quando pensamos o carnaval de rua, pelo Cordão do Boi Tolo e os blocos livres, por conta de os desfiles não terem um trajeto completamente definido. A realidade do momento acaba determinando qual vai ser a melhor travessia para o bloco e não o contrário. Um comportamento que já virou prática nos desfiles e que dão um verdadeiro nó nos agentes de trânsito e nos representantes da Prefeitura. Esses circuitos acabam sendo realizados mediante as afinidades do maior número de pessoas, que decidem, na maioria das vezes, de forma democrática, por onde o bloco vai passar. Nesses momentos, que observamos com mais força o sentimento de apropriação das ruas, de ressignificação da utilização dos espaços comuns, locais que estão associados ao deslocamento para o trabalho, para obrigações diárias, com regras e convenções próprias ao longo do ano e que em alguns dias festivos se tornam uma passarela para diversos sentimentos carnavalescos, como libertação, alegria, exaltação, desprendimentos e tudo isso com uma boa dose de ironia. Contemplamos o clímax da chegada desses blocos nas grandes avenidas, praças, locais que, inclusive, já se tornaram tradicionais em relações afetivas, como os túneis da cidade. As galerias que ligam os bairros de Botafogo à Copacabana, o túnel Engenheiro Coelho Cintra, conhecido como Túnel Novo, vem sendo ocupado pelo Cordão do Boi anualmente, por conta de ser parte de um grande corredor expresso que vem desde o Aterro do Flamengo, passando pela Praia de Botafogo, que comporta milhares de pessoas, garantindo uma maior segurança para todos os foliões. Outro túnel que já experimentou a passagem do Boi Tolo foi o que liga a Central do Brasil à Zona Portuária, chamado João Ricardo. Esta passagem se deu por conta de uma boiada ter errado uma entrada que deveria fazer na Avenida Presidente Vargas à esquerda em direção ao centro e acabou sendo obrigada a virar à direita passando pelas imediações da Favela da Providência e posteriormente o túnel, o que acabou sendo mais uma conquista e história para o bloco.

Os túneis, por serem muito fechados, possuem a melhor acústica dentro dos espaços públicos da cidade e quando as orquestras adentram o ambiente, o som, de um modo geral, fica muito mais potente, assim como os cantos e gritos dos foliões. Isso tudo somado com a pouca iluminação e ainda por ser um ambiente onde não se existe o costume de travessias a pé, o provoca uma verdadeira euforia e contemplação em todo mundo. De todas as ocupações que o Boi Tolo realiza, os túneis acabam sendo as que mais se destacam por conta de serem locais apenas para travessias de veículos, fazendo com que proibições sejam descumpridas, por ligarem bairros e regiões, o que modifica completamente a paisagem e por existirem características físicas de iluminação e acústica que acabam destacando o bloco nessas

travessias (figuras 76, 77, 78 e 79). Um pouco dessa sensação também ocorre quando o bloco faz a travessia das grandes vias do Aterro do Flamengo, as avenidas das Nações Unidas e Infante Dom Henrique.

Figura 76 - Bom humor durante a ocupação de avenida em Copacabana (25/04/2022).



Fonte: Jorna *Extra*.

Figura 77 - Boi Tolo na saída do túnel alguns minutos antes de uma tempestade (26/02/2017).



Fonte: Autor desconhecido.

Figura 78 - Boi Tolo se preparando para entrar no Túnel Novo (25/04/2022).



Fonte: *O Globo*.

Figura 79 - Boi Tolo fazendo brincadeiras dentro do túnel (26/02/2017).



Fonte: Acervo do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho queríamos apresentar a relação de um grande bloco de carnaval contemporâneo, que é o Cordão do Boi Tolo, com os espaços públicos, demonstrando todos os tensionamentos e disputas que são travadas cotidianamente com as esferas municipal e estadual. Batalhas que vem sendo vitoriosas, pois o bloco continua a desfilar e a realizar seus eventos durante esses 16 anos de existência, deixando apenas de desfilar quando tomou a decisão de se juntar a outros blocos para defender a vida e a quarentena contra a Covid19.

Em alguns momentos se percebe retrocessos nas imposições para a ocupação dos espaços públicos e surge a necessidade de reafirmar os seus ideais, ocasiões em que o bloco se impõe com mais forças e convoca o conjunto dos foliões próximos a se somarem. Foi assim nas disputas contra a privatização do carnaval de rua e nas lutas contra as burocratizações trazidas pela prefeitura ao longo de anos. Em outros momentos, esquecem praticamente da existência do bloco que passa a cortejar mais livremente pela cidade.

Para além dessa perspectiva, dos ideais de ocupações de espaços públicos, contar histórias, apresentar suas estratégias espaciais e trazer também elementos culturais e lúdicos do Boi Tolo são fundamentais para enxergamos mais profundamente sua existência. Não pensamos em nenhum momento que as relações e interesses de determinados campos da Geografia, deixariam de dialogar com outros, muito pelo contrário. Por mais que o enfoque esteja nas questões urbanas, o cultural faz parte dessa disputa simbólica e de identidade por parte do bloco. A dimensão da beleza de um desfile às vezes marca mais na ludicidade, nas cores, fantasias e criatividade dos foliões que propriamente a ocupação do espaço. Por outro lado, e em diálogo, seria impensável toda essa ludicidade sem o Boi Tolo ter o compromisso com a disputa do espaço público e realizá-lo de forma simultânea com toda a sua criatividade e musicalidade.

As estratégias socioespaciais que permeiam a existência do Boi Tolo, são os pilares fundamentais de tudo que o bloco pensa e vai fazer. Ao abolir qualquer tipo de relação mercadológica, com qualquer pessoa, instituição ou marca, o bloco se tornou uma coisa completamente diferenciada e essa característica vai permear tudo. Os foliões sabem que um bloco precisa de batedores, afinal um bloco não consegue andar com pessoas paradas à frente ou com carrinhos de ambulantes como bloqueios. É necessário espaço para os músicos, as pernaltas e os palhaços, que precisará ser feito por uma enorme corda humana e quanto maior o bloco, maior precisa ser a proteção. Os músicos precisam de água quando estão tocando e a

campanha de solidariedade é levada muito a sério por todos que entendem essa dinâmica do Boi Tolo. Uma coisa vai se ligando a outra e criando regras, mandamentos, como os que foram demonstrados aqui, muito porque se trata de um bloco que não é comercial, um bloco que passa a ser entendido como de todos.

A satisfação talvez maior, subjetiva e utópica das pessoas seja exatamente participar de algo que elas gostariam que fosse o cotidiano das vidas delas. Um bloco que respeita a diversidade, que é solidário, que abole relações mercadológicas, que valoriza os artistas de rua, que promove a inclusão das crianças e idosos, que se orienta pelo coletivo, enfim, um bloco cidadão. E não falamos só dos momentos de celebração, pois o bloco e um desfile, como do Boi Tolo, não é permeado apenas por descontração, pois tem muitos problemas e contradições que precisam ser arduamente resolvidos, que impõem muito trabalho e cansaço, mas mesmo toda essa laboração é consciente, livre e conscientiza os próprios foliões. O trabalho é consciente, como na confecção de novos estandartes (figura 80).

Figura 80 - Confecção de novos estandartes.



Fonte: Acervo do autor.

Apresentamos algumas histórias marcantes ao longo dessa trajetória de vida do bloco mostrando toda a sua relação afetiva e de construção social nas ocupações territoriais, em períodos de festas oficiais e não oficiais, onde a relevância e a autenticidade passam a existir pelo entendimento do conjunto de uma parcela da sociedade, que vai se reunir para alguma celebração que entenda ser importante. Essa vontade popular não para no Cordão do Boi Tolo, como muito pelo contrário, como já falamos anteriormente, vários blocos e fanfarras, inclusive as chamadas de neo-fanfarristas, que misturam muitos estilos musicais, surgem inspiradas no Boi Tolo. Nesse sentido o Cordão do Boi Tolo vai se mantendo sem precisar de

uma banda própria, afinal, ao ser anunciado um evento, vários músicos se colocarão de forma voluntária para fazer parte das festividades.

A Desliga dos Blocos, fundada pela vontade do Cordão do Boi Tolo e do Bloco Secreto, se mantém realizando a tradicional Abertura do Carnaval não Oficial todos os anos, trazendo mais público que qualquer tentativa que tenha existido de outra abertura, inclusive oficiais, o que sempre chama muita atenção e levanta várias questões. Um evento que carrega os mesmos ideários do Boi Tolo, ou seja, nenhum bloco recebe pela apresentação e nem recebe alguma estrutura ou algum tipo de auxílio, mas que acontece como um festival, com a apresentação de vários blocos e fanfarras, incluindo “Orquestra Voadora”, “Prata Preta”, “Vem Cá Minha Flor”, o antigo bloco de frevo “Prato Misterioso”, O bloco infantil “Fanfarrinha”, “Maracutaia”, “Mulheres Rodadas”, “Me Enterra da Quarta”, “Besame Mucho”, “Bloco das Tubas”, “AfroJazz”, “Locomotiva da Baixada”, “Biquinis de Ogodô”, “Trombetas Cóslicas do Jardim Elétrico”, “Traz a Caçamba”, “Sinfônica Ambulante”, entre outros tão importantes. Com esse número expressivo de apresentações, todos os anos, o evento se torna parte do calendário do carnaval de rua pela imposição da própria realidade; as pessoas todas envolvidas nesses blocos, sejam fãs, músicos ou pernaltas, e a correlação de forças que isso impõe. Com toda essa movimentação, uma palavra de ordem em defesa do carnaval livre pode acabar ganhando contornos políticos e influenciando decisões, como as questões que envolvem as burocratizações para os desfiles poderem acontecer.

Situamos os espaços públicos onde o Cordão do Boi Tolo construiu as suas narrativas, de sua própria construção como bloco, algo que fica registrado nas imagens e nas lembranças, mas que também ressignificam as relações sociais que passamos a ter principalmente com as ruas, avenidas e parques. Lugares, que muitas das vezes estiveram ou que estão abandonados, ou esvaziados, e que passaram a ser frequentados ou referenciados exatamente porque um bloco ali resolveu frequentar. Este é um dos motivos da própria importância desse trabalho, afinal a vida cotidiana da cidade e suas transformações têm como um dos capítulos a existência dos blocos de carnaval de rua, livres ou oficiais. O gigantismo de um bloco oficial como o “Bola Preta” sempre foi de uma referência de significados superficiais e profundos para os organizadores do Cordão do Boi Tolo, afinal, levar mais de um milhão de pessoas a ocuparem toda uma região, ao mesmo tempo, e de forma dinâmica, é produzir elementos dos mais variados para análises e caracterizações, da necessidade da concretude de políticas públicas ou da valorização de aspectos meramente simbólicos, que precisam ser apresentados e respeitados.

Fundamental ainda, foi falarmos das pessoas que constroem de forma completamente voluntária essa manifestação cultural e popular, o indivíduo, que por prazer e consciente, se arrisca a construir uma forma de ocupação musical e lúdica da cidade. Que pensa a sociedade, pelo menos no que tange o carnaval, de uma forma bem diversificada e até de certa forma destacada, de como o poder público e o privado supõem. O carnaval de rua, ao ser pensando pelo viés do lucro e da exposição de marcas, se torna uma coisa diferenciada da sua própria história. Não é verdade que o carnaval de rua sempre foi apresentado através de um aglomerado multinacional de vendas de bebidas alcoólicas, por que razões os foliões, sem nenhuma vantagem econômica, aceitariam essa imposição, e ainda serem obrigados a consumir uma marca de cerveja da multinacional? É o tipo de imposição que não existe mais, neste momento, assim como as cordas e abadás que privatizam temporariamente o espaço público e que se apoderam permanentemente da manifestação cultural. A luta permanente da Desliga dos Blocos é fundamental de ser contada e divulgada por todos esses aspectos decisivos.

Por fim, a criatividade, a ludicidade e os personagens que fazem parte dos cortejos do Cordão do Boi Tolo falam muito das próprias características que engendram o carnaval de rua. A volta das manifestações circenses nos blocos traz uma descontração e repensam também as formas de ocupação pública pelos eventos carnavalescos. As pernas de pau já fazem parte dos principais cortejos e agregam não apenas beleza, nas diferentes fantasias, como as vezes a própria falta de fantasias e a exposição do corpo passam a ser as suas manifestações públicas e políticas. O palhaço, sempre presente, debochando sempre de tudo e de todos se torna um ícone dos desfiles, assim como aqueles foliões que todos os anos aparecem com as mesmas fantasias, como o “Pierrot dos Blocos”, “As Trepadeiras”, “O garçom”, “O lambe lambe”, “O Rei da Espanha”, “O Mendigo”, entre tantos outros que reconhecemos todos os anos com os mesmos trajes. Esses personagens são outra engrenagem fundamental nessa construção social, uma parte fundamental do que faz dar sentido nesse todo chamado Cordão do Boi Tolo (figuras 81 e 82)

Figura 81 - Foto para entrar para a história do desfile 2022.



Fonte: André Rola.

Figura 82 - Foto oficial de um antigo desfile do Boi Tolo.



Fonte: Autor desconhecido.

É impossível, para uma parte considerável, e cada vez maior de foliões, pensar o carnaval de rua sem a presença do Cordão do Boi Tolo.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edigar de. *O Carnaval carioca através da música*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1985.

ALMEIDA, Maria Geralda de. “Cultura, paisagem e patrimônio cultural: reflexões desde o Brasil Central”. *Revista Espaço e Geografia*, n. 16, vol. 2, p. 417-440, 2013.

_____. “Festas rurais e turismo em territórios emergentes”. *Bibliow (Barcelona)*, vol. XV, p.91, 2011.

ARANTES, Otilia, “Uma estratégia fatal”. In: Otilia Arantes; Carlos Vainer; Ermínia Maricato (orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes, 2013.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (ALERJ). *Decreto 45551/2016*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.alerj.rj.gov.br>. Acesso em: 05/07/2018.

BONNEMAISON, Joel. “Viagem em torno do território”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; BORJA, Jordi. *As cidades e o planejamento estratégico: uma reflexão europeia e latino-americana*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRAGA, Cristiano; MORELLI, Gustavo; BRAGA, Vinicius Nobre. *Territórios em movimento: cultura, e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO/RJ. *Decreto 32664/2010*. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rj/rio-de-janeiro>>; Acesso em: 05/07/2018.

_____. *Decreto 36760/2013*. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rj/rio-de-janeiro>>; Acesso em: 05/07/2018.

_____. *Decreto 45217/2018*. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/prefeitura/rj/rio-de-janeiro>>; Acesso em: 05/07/2018.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A Cidade*. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *O poder da identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Trajéorias geográficas*. São Paulo: Ática, 2001.

_____. “Geografia Cultural: Passado e Futuro – Uma Introdução”. In: _____. & Zeny Rosendahl. *Geografia Cultural: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda*.

DI MÉO, Guy. *La Géographie en fêtes*. GAP: Ophrys, 2001.

DIÁRIO DO RIO. “Rio tem arrecadação turística surpreendente no Carnaval 2019”. 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/rio-tem-arrecadacao-turistica-supreendente-no-carnaval-2019/>. Acesso em: 22/07/ 2021.

G1. “Ato carnavalesco protesta contra repressão da GM a bloco no Rio”. Rio de Janeiro, jan. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/01/ato-carnavalesco-protesta-contr-repressao-da-gm-bloco-no-rio.html>. Acesso em: 30/11/2020.

GRILLI, Fernando. “Melhor carnaval de todos os tempos no Rio”. *Prefeitura do Rio*. 2020. Disponível em: </prefeitura.rio/rio-acontece/melhor-carnaval-de-todos-os-tempos-no-rio-mais-de-10-milhoes-de-folhoes-e-alto-indice-de-aprovacao-por-turistas/>. Acesso em 27/11/2021.

HAESBAERT, R. “Território, poesia e identidade”. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 3, 1996.

HAESBAERT, Rogério. “Identidades Territoriais”. In: Zeny Rosendahl; Roberto Lobato Corrêa. (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço* (Série Geografia Cultural). Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 169-190, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Território, cultura e des-territorialização. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R.L. (Orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 115-144. (Série Geografia Cultural).

HARVEY, David. “Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana”, São paulo, Martins Fontes, 2014

_____. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

_____. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. “O Trabalho, o capital e o conflito de classes em torno do ambiente construído nas sociedades capitalistas avançadas”. *Revista Espaço e Debates*. n. 6 jul./set., São Paulo: Cortez, 1982.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2015.

_____. *O pensamento marxista e a cidade*. Lisboa: Ulisseia, 1972.

_____. *A produção do espaço*. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. São Paulo: Editora do Brasil, 1987

MARICATO, Ermínia. *Para entender a crise urbana*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, Karl. *A origem do capital*. São Paulo: Global, 1977.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MASCARENHAS, G. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. *Cidades*, n. 17, vol. 10, 2014.

_____. Rio de Janeiro 2016: a cidade em movimento. *Revista USP*, vol. 108, p. 1-56, 2016.

_____. “Copa do mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro”. *Geo UERJ*, ano 15, n. 24, vol. 2, 2º semestre de 2013, p. 1-22.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. “Território, espaço de identidade”. In: SAQUET, Marcos Aurélio & SPOSITO, Eliseu Savério. *Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009

MENDONÇA, Valéria; FIGUEIREDO, Pedro; NEVILLE, Pedro. “Riotur estima 6 milhões de foliões no carnaval, com 1,5 milhão de turistas”. *G1*, Rio de Janeiro, jan. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/prefeitura-do-rio-espera-15-milhao-de-folioes-estrangeiros-para-o-carnaval.ghtml>> Acesso em: 09/07/2018.

MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: (1958) 1987.

OLIVEIRA, Soraya Castro de Lima & SILVA, Gustavo Siqueira. “A importância da abordagem cultural da geografia: uma perspectiva de aplicação”. *III Encontro de Geografia – A Geografia e suas vertentes, Reflexões. ArtCultura.*, Instituto Federal Fluminense, Uberlândia, n. 77, vol. 9. p. 235-239, jul.-dez. 2007.

PIRES, Hindenburgo Francisco. “Globalização e integração financeira e tecnológica entre os países emergentes: O novo Banco de Desenvolvimento do Brics”, *Revista Geo UERJ*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 283-292, 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/18952/14670>. Acesso em: 27/11/2021.

_____. “Geografia das Indústrias Globais de Vigilância em Massa: Limites à liberdade de expressão e organização na Internet. *Ar@cne*, Barcelona: Universidad de Barcelona, n. 183, 2014. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/ aracne/aracne-183.htm>. Acesso em: 27/11/2021.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *Carnaval brasileiro – o vivido e o mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática: 1993.

RELPH, Edward. “As bases fenomenológicas da Geografia”. *Geografia*, Rio Claro, n.7, vol. 4, p. 1-25, 1979.

ROSENDAHL, Zeny; Roberto Lobato Corrêa (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. *Geografia cultural: um século (3)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

ROWNTREE, Lester. e CONLEY, Margareth. “Symbolism and the Cultural Landscape”. *Annals of the Association of American Geographers*, n. 70, vol. 4, 1980.

SACK, Robert. *Human Territoriality: Its Theory and History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SANTIAGO, Maria. “Carnaval de antigamente”. *Educação Pública*. 2007. Disponível em: educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/7/8/carnaval-de-antigamente. Acesso em: 27/11/2021.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *A natureza do espaço*. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. *Por uma Geografia nova: Da Crítica da Geografia à Geografia crítica*. São Paulo: USP, 2002.

SAQUET, Marco Aurélio. *Abordagens e concepções de território*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SAUER, Carl Ortwin. “Geografia Cultural”. In: Roberto Lobato Corrêa; Zeny Rosendahl (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19-26

SILVA, Marília Trindade Barbosa; CACHAÇA, Carlos; FILHO, Arthur de Oliveira. *Fala, Mangureira!*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.

SILVA, Deonísio. “Carrus navalis, carnevale, carnaval”, *Observatório da Imprensa*. 2012. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/lt-i-gt-carrus-navalis-lt-i-gt-lt-i-gt-carnevale-lt-i-gt-carnaval/. Acesso em: 23/11/2021.

SILVEIRA, Daniel. “Foliões denunciam truculência da Guarda Municipal em bloco no Rio”, *GI*, Rio de Janeiro, fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/folios-denunciam-truculencia-da-guarda-municipal-em-bloco-no-rio.html>. Acesso em: 30/11/2020.

SOUSA, Rainer Gonçalves. “A Origem das Micaretas”. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/a-origem-das-micaretas.htm/> >. Acesso em: 20/05/2019.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

VAINER, Carlos. *Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico*. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 1999 (mimeo.) e neste volume.

_____. “Cidade de exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro, 2011”. Disponível em: <www.br.boell.org/web/51-1266.html>. Acesso em: 17/02/2012.

_____. *Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico*. Rio de Janeiro, IPPUR/UFRJ, 1999.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Ed. Studio Nobel/ FAPESP. Lincoln Institute, 2001.